



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JOSÉ FERREIRA DE LIMA NETO

**A ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL EM ALGUMAS POESIAS DE
PATATIVA DO ASSARÉ E LEONARDO BASTIÃO**

**CAMPINA GRANDE
2021**

JOSÉ FERREIRA DE LIMA NETO

**A ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL EM ALGUMAS POESIAS DE
PATATIVA DO ASSARÉ E LEONARDO BASTIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Filosofia pela
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento aos requisitos necessários para
obtenção do grau de licenciatura em filosofia.

Linha de pesquisa: **Ética e estética.**

Orientador: **Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto**

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732a Lima Neto, Jose Ferreira de.

A arte como transformação social em algumas poesias de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião [manuscrito] / Jose Ferreira de Lima Neto. - 2021.

67 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Arte literária. 2. Filosofia da práxis. 3. Conscientização.

4. Cultura popular. I. Título

21. ed. CDD 100

JOSÉ FERREIRA DE LIMA NETO


**A ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL EM ALGUMAS POESIAS DE
PATATIVA DO ASSARÉ E LEONARDO BASTIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Filosofia pela
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento aos requisitos necessários para
obtenção do grau de licenciatura em filosofia.

Linha de pesquisa: **Ética e estética.**

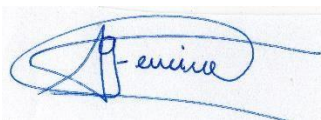
Aprovada em: 06/05/2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto (Orientador) Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Gilmar Leite Ferreira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço as forças celestiais que regem o universo, e me deram alento na construção dessa pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação em me propor os melhores caminhos de pesquisa.

Ao meu pai Ferreirinha (in memoriam) por todos os seus ensinamentos, a minha mãe Maria das Graças pelo apoio incondicional na jornada acadêmica.

Aos professores que me instruíram durante o curso de filosofia, em especial, José Nilton Conserva, Cristóvão Andrade, Silvânia Karla, Ana Paula (in memoriam), que contribuíram ao longo dos cinco anos de graduação, por meio das disciplinas e calorosos debates.

Aos funcionários da UEPB: André Carneiro, Everaldo, Germano Ramalho e Damiana pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de risadas e apoio.

Se nada fiz na jornada
Nada ganhei nem perdi
Nada ignoro do nada
Porque do nada nasci
Se o nada é meu abrigo
Seja o nada meu jazigo
Já que o nada me enfada
Eu de nada tenho estudo
Mas sei que o nada faz tudo
E tudo volta a ser nada.

(Zé Bernardino)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo elaborar uma análise comparativa das composições poéticas de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião, à luz da filosofia de Gramsci. Para alcançar esse objetivo, partiremos de um estudo dos textos de Gramsci, nos quais esse pensador entende a filosofia e a arte como ferramentas de transformação social. Em seguida, faremos uma análise de algumas poesias dos poetas Patativa do Assaré e Leonardo Bastião com o intuito de compreender temáticas de cunho social e político, nelas presente. Associando a filosofia do pensador italiano junto à produção poética dos aedos, estabelecendo conexões entre a filosofia, a arte literária e a práxis filosófica. Pontuando, ainda, a existência de um possível engajamento da poesia dos referidos poetas, por meio da luta em defesa dos mais pobres, e sua apologia ao meio ambiente. Como resultado, afirmamos o caráter pedagógico poético, enaltecendo Gilmar Ferreira e sua obra “O Sertão Educa” (2018), ressaltando que a produção dos poetas Patativa do Assaré e Leonardo Bastião são fontes educacionais perenes, e estão intimamente ligadas com a condição social de ambos os trovadores.

Palavras-Chave: Arte Literária. Conscientização. Cultura Popular. Filosofia da Práxis.

ABSTRACT

This present research aims to elaborate a comparative analysis of the poetical composition of Patativa do Assaré and Leonardo Bastião in the light of the philosophy of Gramsci. To reach this objective, we start from a study of Gramsci's text, which this thinker understands philosophy and art as social transformation's tool. Then, we are going to do an analysis of some poems by the poet Patativa do Assaré and Leonardo Bastião in order to understand social stamp and politics thematic, presents in it. Associating the philosopher of the Italian thinker with the poetical production of the aedos, making connections among philosophy, literary art and the philosophical praxis. Pointing, yet, the existence of a possible engagement of the poems of the referred poets, by the means of the poorest defense fight, the apology of the environment. As result, we affirm the poetic pedagogical character, it exalts Gilmar Ferreira and his work "O Sertão Educa" (2018), it bounces the poets production of Patativa do Assaré and Leonardo Bastião are perennial educational source and they are closely connected to the social condition of both troubadour

Keywords: Literary art, Awareness, Popular culture, Philosophy praxis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOBRE A FILOSOFIA E A FILOSOFIA DA ARTE EM GRAMSCI	14
2.1 Gramsci e a organização da sociedade	16
2.2 Gramsci e a filosofia da práxis	19
2.3 Gramsci e a arte literária	21
3. A SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DE PATATIVA DO ASSARÉ E DE LEONARDO BASTIÃO	23
3.1 Vínculos entre os seres humanos e a natureza que são apresentados nessas poesias.	25
3.2 Registros dos segmentos sociais apresentados pelos poetas.....	34
3.3 Arte poética e contestação política	44
4 A ARTE POÉTICA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	49
4.1 A denúncia das injustiças e das desigualdades sociais	52
4.2 Possíveis aproximações entre as ideias de gramsci e as composições	55
4.3 Arte literária de patativa do assaré e leonardo bastião levam ao engajamento social?	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em curso pretende dar voz aos poetas populares em questão, Patativa e Leonardo, enaltecendo sua poética no horizonte acadêmico, tendo em vista que o autor desse trabalho é de raízes camponesas, natural do Cariri Ocidental paraibano, precisamente da cidade de Livramento, o Poeta Neto Ferreira nutre desde sua tenra idade um carinho especial pela poesia popular nordestina, carinho esse que aguçou sua percepção para o universo da cultura popular e o fez entrar de vez na seara dos cordelistas, o mesmo já tendo doze títulos de cordéis publicados e inúmeras premiações no horizonte da cultura popular, ainda fazendo parte da Casa dos Poetas do Cariri e da Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

O poeta Antônio Gonçalves da Silva, conhecido popularmente por Patativa do Assaré, camponês, roceiro e ativista social, nasceu no dia 5 de março de 1909 no sítio Serra de Santana, município de Assaré, estado do Ceará. Faleceu em 8 de agosto de 2002 em sua casa em Assaré. De sua obra destaca-se: *Inspiração Nordestina* (1956) *Cante Lá que Canto Cá* (1978), *Ispinho e Fulô* (1988), *Balceiro* (1991), *Aqui Tem Coisa* (1994) e *Digo e Não Peço Segredo* (2001); e os discos: *Poemas e Canções* (1979), *A Terra é Naturá* (1981) e *Canto Nordestino* (1989). Recebeu cinco títulos de Doutor *Honoris Causa* - Universidade Regional do Cariri (1989); Universidade Federal do Ceará (1999); Universidade Estadual do Ceará (1999); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000); Universidade de Pernambuco (2017) -. E seu apelido de Patativa está associado à sua poesia que é comparada pelo escritor José de Carvalho ao belo canto da ave nativa da Chapada do Araripe, “é ave que canta solta/ Inda mais canta cativa/ Seu nome agora é Antônio/ Crismado por Patativa” (CARVALHO, 2009, p. 57)

Patativa é natural de Assaré, palavra que originariamente no tupi guarani quer dizer: atalho, e faz jus ao nome, pois antes de sua emancipação (1865) pertencia a cidade de Saboeiro e servia justamente de atalho para os almocreves guiarem os animais para a região dos Inhamuns, a sonolência e atraso assolavam a região. O duro contexto social enfrentado pelo poeta cearense que só aos doze anos de idade vislumbra a oportunidade de conciliar os estudos com a labuta rural, no entanto por um intervalo muito restrito, apenas seis meses, porém autodidata como era o aedo, os seis meses que frequentou o ambiente escolar foram suficiente para aguçar sua percepção para o universo das letras.

O poeta Leonardo Pereira Alves, conhecido popularmente por Leonardo Bastião, nascido no sítio Goiana, município de Itapetim¹ estado do Pernambuco aos 13 de março de 1944, é de raízes camponesas e sempre atuou na agricultura de subsistência. Sua obra está contida no livro: *Minha Herança de Matuto* (2018) e no filme *Leonardo Bastião, O Poeta Analfabeto* (2018) produção essa dirigida pelo jornalista Jefferson Sousa (1994-). A simplicidade e as “sacadas” desse poeta encantam a todos que têm acesso a sua poesia, inspirado pelas águas do rio Pajeú², que traz consigo a influência da poesia popular nordestina, como bem podemos constatar na estrofe seguinte em que o poeta faz ressalva ao seu berço mãe:

Itapetim foi esquisito
Sem farmácia e sem prefeito
E ainda era sujeito
A São José do Egito
O pobre morria aflito
Doente passando mal
Sem médico e sem hospital
Morria de fome e sede
E o caxão era uma rede
Dipindurada no pau. (BASTIÃO, 2018, p. 99)

Leonardo Bastião nunca frequentou uma escola, porém a sua formação foi resultado das suas vivências como homem rústico do campo. Quando o poeta é indagado sobre qual foi sua carta de ABC, o mesmo poeticamente responde: “Minha carta de ABC/ Foi um bisaco de mão/ Catando baije de feijão/ Pra cunzinhá e comê” (BASTIÃO, 2018, p. 25). O analfabetismo não foi empecilho para o poeta trilhar sua jornada, no entanto, o mesmo lamenta muito na sua época e devido aos problemas sociais enfrentados não ter tido oportunidade de frequentar a escola, em poesia ele diz: “Que fi de pobi era assim/ Sem ter direito uma escola” (BASTIÃO, 2018, p. 25).

As duas cidades de origem dos referidos poetas têm em comum a essência e a pureza de serem o berço de dois gênios que em meio a todo descaso, a todas as dificuldades, germinaram sua essência poética³ e deixaram seu legado, no caso de Patativa que já é falecido. Já Leonardo permanece a escrever sua história nas páginas atemporais da existência, os dois poetas vieram ao mundo oportunamente, porém como missão, carregavam em seu

¹Palavra originária do tupi guarani que significa: pedra achatada branca. (Nota do autor).

² Pajeú é nome indígena, vem do dialeto cariri, pagéy, e quer dizer: rio feiticeiro. (FERREIRA, 2018, p. 28).

³ A palavra poética nessa pesquisa está associada ao conjunto de recursos expressivos, especialmente quanto à técnica: rima, métrica e oração do verso, de um escritor na composição de seus poemas. (Nota do autor).

fardo existencial o dom de transmitir as dores alheias e através da poesia fazerem suas queixas pessoais e sociais, dando voz a sua gente e colocando suas terras no cenário poético e cultural nordestino.

Ambos os bardos nutriram amor por sua terra e por sua gente. Patativa se rendeu aos encantos de Belarmina da Paz Cidrão, ou “belinha” como o aedo a chamava carinhosamente, vindo aos enlaces matrimoniais em 1936, foram 58 anos de união: “Eu, rude bardo, uma paixão cantava/ E lhe julgava nos meus doces cantos/ A camponesa minha preferida/ Para a vida consolar meus prantos” (CARVALHO, 2009, p. 26). Já Bastião nutriu sua paixão por dona Arcina, com quem casou e construiu sua família, “Casei em sessenta e quatro/ E minha mulé é aquela/ Faz mais de cinquenta anos/ Que eu tô morando mais ela/ E não precisava outra prova/ Pra dizer que eu gosto dela” (BASTIÃO, 2018, p. 43).

As semelhanças são fascinantes entre ambos os poetas, mesmo com suas singularidades suas produções são atinadas, suas inspirações são semelhantes. Leonardo, contemporâneo a Patativa, continua sua saga, permanece a descrever o convívio social de seu povo. Conforme Lacoste (1986) a equivalência entre o gosto para o julgamento das belas coisas se dá a partir da genialidade do artista, sendo o gosto singular ao exprimir através de sensações o encantamento diante de tal objeto, a originalidade é a marca central do artista.

Patativa e Leonardo são singulares em seus modos de serem, porém até suas singularidades os aproximam, dois poetas roceiros, do interior de seus respectivos estados. A produção de ambos é pautada pelo desinteresse, “[...] o belo é o objeto de uma satisfação desinteressada” (LACOSTE, 1986, p. 27). Não o desinteresse com as palavras, com o cotidiano, com os problemas sociais, mas, o desinteresse com a comercialização de sua obra. Conforme Assaré (2001), os livros que publiquei me agradam, é uma realização para o artista ver sua obra publicada, minha criatividade está impressa para que as pessoas tenham acesso, mas não faço comércio da minha poesia, me dá gosto ver a apreciação dela por parte das pessoas, porque ela é minha e está aí pra ser divulgada em todos os meios.

Segundo Carvalho (2009) a verve de Patativa era deveras eloquente, mas ele não tinha o zelo necessário para com sua produção, em função da precariedade da época, alguns trabalhos se perderam. Com Bastião as semelhanças são as mesmas, porém mais austeras as condições já que o mesmo não escreve, sua produção é totalmente oral, o que dificulta a aglutinação de seu material, que se dá através dos apologistas que o escutam e memorizam seus versos, ou mesmo gravam seus vídeos e os divulgam pelas mídias sociais, “Com dez anos eu já sabia/ O que era verso e rima/ Me criei pisando em cima/ Da terra da poesia./ Fiz glosa e fiz cantoria/ Glosei pouco e cantei ruim/ Que esse lugar é assim/ Pra fazer verso

adoidado/ Basta só ser batizado/ Na matriz de Itapetim” (BASTIÃO, 2018, p. 14). Entre os poetas populares é natural dizer que grande sempre é o outro, na sua singularidade de ser, e ambos os aedos citados nesta pesquisa são grandes e humildes em sua produção literária.

Segundo Lima (2018, p. 165) “O poeta e o filósofo/ Tem a mesma primazia/ Pois o poeta em seus versos/ Demonstra filosofia/ E o filósofo em seus ditos/ Tem tudo de poesia.” Na sextilha do poeta Belarmino de França (1894-1982) fica claro a essência e a proximidade do filósofo ao poeta. E tanto Leonardo como Patativa agregavam muita filosofia em suas poesias, com suas formas únicas de enxergarem a realidade e através do universo da rima, métrica e oração sintetizavam sua poética ao mundo. Vejamos a seguinte estrofe de Bastião: “A impressão que me deu/ É que a vida só é o nome/ A alma que tá no corpo/ A terra também consome/ Só vai sobrar a lembrança/ Porque a terra não come” (BASTIÃO, 2018, p. 101).

Patativa também elucida em um decassílabo: “Tive um amor adorado/ Porém com tristeza digo/ Padeço o maior castigo/ Porque fui abandonado/ Depois que fui desprezado/ Perdi a lira diletta/ Tal qual um tolo pateta/ Vivo de cabeça tonta/ As emoções tomam conta/ Do coração do poeta” (CARVALHO, 2020, p. 261). Ambas as estrofes abrangem o universo filosófico que cerca a nossa existência. O segredo por trás da inspiração e verve de cada poeta é o mesmo segredo vital da chama que os alimenta a sempre estarem produzindo e contagiando o mundo com suas emoções expressas no âmbito literário.

No tocante ao filósofo Italiano Antonio Gramsci (1891-1937) nascido em 22 de janeiro de 1891 na região da Sardenha, Itália. Desde cedo enfrentou as duras procelas do seu contexto social, de origem humilde, sempre foi um jovem auspicioso que trilhou sua jornada em defesa das lutas sociais, atrelado fortemente ao sentimento de pertencimento com suas raízes, em seus meandros sempre se colocou a favor das minorias e buscou mitigar soluções para alento dos oprimidos.

Gramsci sempre foi um militante político aliado aos ideais comunistas, firmou assim muitas parcerias nesse campo, que possibilitaram seu desenvolvimento intelectual. O italiano começa sua trajetória com a filiação junto ao Partido Socialista Italiano, filiação essa que lhe daria forças para em um futuro próximo edificar o Partido Comunista da Itália. Outro grande marco na sua vida seria sua participação junto ao ambiente político e intelectual da Terceira Internacional, movimento esse que almejava a superação do capitalismo e o estabelecimento da ditadura do proletariado.

A luta intelectual do pensador da comuna de Ales em 1926 junto ao III Congresso do Partido Comunista, evento realizado tacitamente na cidade de Lyon, França, onde aqui se

conceberiam as célebres “Teses de Lyon” redigidas por Gramsci em que ampliava seus ensinamentos a todas as classes do proletariado.

O fascismo vigente da época, liderado por Benito Mussolini (1883-1945) processaram o idealizador das teses, o que levou ao cárcere de Gramsci junto à prisão romana de Regina Coeli. O italiano nota então que havia perdido uma batalha, mas trava uma guerra intelectual na construção da obra célebre “Dos Cadernos de Cárcere”, em que edificaria o conceito de filosofia da práxis e faria uma revisão do pensamento marxistas. Em 1934, já com sua saúde bastante debilitada devido ao estado carcerário, recebeu sua liberdade provisória, vindo a falecer em Roma, no dia 27 de abril de 1937.

Externadas essas condições preambulares, anseia-se destacar que o objetivo dessa pesquisa é correlacionar os conceitos gramscianos de: filosofia da práxis, conscientização, intelectual orgânico, organização social e arte literária, junto à produção poético-literária de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião.

A nossa metodologia para o desenvolvimento do trabalho em curso estará associada a categoria qualitativa, com nível de aprofundamento descritivo e delineamento bibliográfico que servirão de suporte para a descrição da temática através do método histórico. Sendo assim, subdividiremos o trabalho em três tópicos: no primeiro apresentaremos a filosofia e a filosofia da arte no pensamento de Antônio Gramsci realçando a organização social e o conceito de filosofia da práxis, ainda daremos ênfase ao que o italiano entende por arte literária.

Em seguida, discutiremos a sociedade na perspectiva de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião, levantando os liames entre o ser humano e a natureza na constituição de sua poesia, ainda abordando e caracterizando os segmentos sociais e seus domínios políticos mencionados pelos poetas em seus poemas.

Por último, apresentaremos o conteúdo das poesias junto às relações sociais que conclamam pela transformação da sociedade, reconhecendo as injustiças e desigualdades socioeconômicas, reafirmando a conexão com o conceito de filosofia da práxis gramsciano com a produção artística de Patativa e Bastião, que são intelectuais orgânicos conscientes de seus papéis, que se utilizam da arte literária a favor do engajamento social.

Como resultado, afirmamos o caráter pedagógico e poético ressaltando a obra *O Sertão Educa* (2018) de Gilmar Ferreira, ressaltando que a produção dos poetas é fonte educacional perene, e está intimamente ligada com a condição social de ambos os trovadores.

2 SOBRE A FILOSOFIA E A FILOSOFIA DA ARTE EM GRAMSCI

Antônio Francesco Gramsci é oriundo da comuna de Ales, Sardenha, Itália. Desde sua infância apresentava-se como uma criança brilhante, qualidade essa que o acompanhou durante toda sua trajetória. Logo em sua adolescência demonstrou ser um jovem auspicioso e preocupado com as causas sociais, em seus anos dourados. Datando 1913, filia-se ao partido social italiano, sendo o primeiro passo decisivo para sua trajetória política, filosófica e cultural. 1921 foi um ano decisivo na vida do jovem italiano que se coliga aos ideais do político Amadeo Bordiga (1889-1970) em que lhe é elegido o poder de representatividade do partido junto ao XVII Congresso Socialista na cidade de Livorvo.

Nessa mesma época acontece a cisão com o socialismo e a fundação do Partido Comunista Italiano, Gramsci sendo um dos líderes fundadores. Elevando-se cada vez mais de patamar, Gramsci em 1922 obtém destaque na representação do partido na Terceira Internacional realizada em Moscou.

Gramsci tinha por base a ampliação dos ideais comunistas por volta de 1926, quando estava sendo realizado clandestinamente o III Congresso do partido em terras francesas na cidade de Lyon, onde surgem as famosas “Teses de Lyon” concebidas pelo italiano que expandia suas bases comunistas para todo o proletariado. Nesse mesmo contexto houve a trama fascista e a prisão do italiano Gramsci em 8 de novembro daquele ano, em que foi condenado a passar o resto de sua vida na prisão. No entanto, a prisão só representava o fim de uma batalha, mas a guerra continuaria. Gramsci reúne forças em seu íntimo para produzir uma grande obra “Cadernos do Cárcere”, em que fez uma revisão do pensamento marxista.

Como bem observamos, Gramsci foi um filósofo, e antes de tudo ativista social irredimido com seu contexto histórico. A época que vivenciou foi de fortes enfrentamentos aos ditames vigentes. O filósofo italiano deixa claro em sua produção a importância do papel do intelectual, que segundo ele é quem faz a mediação e as urdiduras entre a sociedade política e a sociedade civil, correlacionando respectivamente o diálogo entre o Estado junto aos movimentos sociais, possibilitando assim a construção de uma hegemonia do proletariado.

A filosofia para Gramsci propicia o desdobramento da construção social do indivíduo atrelada ao poder de criticidade e correlacionando aspectos sócio-históricos, viabilizando uma concepção de mundo que analise ideologicamente o contexto social que os cerca através da conscientização, fato esse que gera homens socialmente políticos.

O filósofo italiano também se debruça pela questão da arte, reduto dos intelectuais e artistas e que pode tornar-se ferramenta pedagógica e de disseminação cultural ideológica de uma sociedade, através do pertencimento de classe do artista que materializa sua produção e pode usá-la a serviço da transformação cidadã dos indivíduos.

Os governantes desempenhavam papel decisivo na cultura da época, tendo eles a cautela de selecionar e banir eventualmente as belas artes que não representavam o interesse da classe dominante, sobre essa questão nos é apresentado que: “[...] um governo pode organizar melhor a alta cultura e negligenciar a cultura popular.” (GRAMSCI, 2011, p. 342), assim estaria nas mãos do mandatário o determinismo histórico cultural dos cânones da literatura nacional.

No olhar de Gramsci se pauta a dualidade entre um sistema de governo expansivo ou repressivo quanto aos aspectos culturais de uma sociedade, questionando que:

[...] Um governo repressivo por alguns aspectos será expansivo por outros? Um sistema de governo é expansivo quando facilita e promove o desenvolvimento a partir de baixo, quando eleva o nível de cultura nacional-popular e, portanto, torna possível uma seleção de “excelências intelectuais” numa área mais ampla. (GRAMSCI, 2011, p. 343).

A filosofia da práxis exerce papel importantíssimo para a arte, imbricando-se a relação artística com o pertencimento social do agente criador com suas raízes. O artista assim por meio de sua linguagem deve construir horizontes de enfrentamento ao sistema posto, tendo consciência que na concepção gramsciana a arte não detém autonomia absoluta, o elemento artístico está associado às estruturas sociais do Estado. No entanto, o artista mais audacioso vislumbra fazer dessa ferramenta um engajamento crítico frente à sociedade política, na medida que “[...] existem, portanto, duas séries de fatos: um de caráter estético, ou de arte pura, outro de política cultural [...]” (GRAMSCI, 2011, p. 346).

Cabe ao artista a imersão em seu campo de atuação, edificando-se em uma ética social e não apenas moldado em questões estéticas. O artista tem a difícil missão de conciliar a atividade crítica mediado em pilares estéticos que deem tonalidade a sua produção sem obnubilar o poder crítico social linguístico, conforme citação:

Uma atividade crítica que fosse permanentemente negativa, feita de demolições, de demonstrações de que se trata de “não poesia” em vez de “poesia” tornar-se-ia

aborrecida e revoltante: a “escolha” ‘pareceria uma perseguição ao indivíduo ou poderia ser considerada “casual” e, portanto, irrelevante. (GRAMSCI, 2011, p. 347).

O papel dos críticos na avaliação é decisivo para instituir sob o julgo particulares o que realmente é arte e esse emaranhado avaliativo é feito através dos sistemas editoriais, considerando sempre o sucesso editorial e a procura pelos leitores, “[...] Na verdade, todo crítico sente que pertence a uma organização de cultura que opera como conjunto; o que ‘escapa’ a um é descoberto e indicado por outro etc.” (GRAMSCI, 2011, p. 347)

A luta intelectual segundo o pensador de Ales deve constituir em um enfrentamento em busca de uma nova cultura e não de uma nova arte. O problema está na esfera macro cultural, ou seja, na base, nas raízes das quais brotam o determinismo cultural, não se fabrica novos artistas, porém com mudanças na esfera cultural, essa metamorfose possibilitará um processo natural de surgimento de novos artistas advindos da sociedade civil. Para Gramsci:

[...] Deve-se falar de luta por uma nova cultura, isto é, por uma nova vida moral, que não pode deixar de ser intimamente ligada a uma nova intuição de vida, até que esta se torne um novo modo de sentir e de ver a realidade e, conseqüentemente, mundo intimamente relacionado com os “artistas possíveis” e com as “obras de artes possíveis” (GRAMSCI, 2011, p. 345).

Dessa forma um novo grupo social tende a emergir, grupo esse que nasce com domínio de classe e associa suas vivências com suas produções intelectuais, fazendo assim uma dicotomia da práxis social viabilizando uma nova cultura que permeie os horizontes sociais dos menos favorecidos e deem identificação aos cidadãos, motivando assim novos artistas engendrados socialmente ao sentimento de pertencimento com suas bases.

2.1 Gramsci e a organização da sociedade

O italiano da comuna de Ales, Antonio Gramsci, tem seus estudos guiados pelo pensamento marxista. O filósofo busca compreender o percurso de mudanças ocorridas na sociedade burguesa e os impulsos de tais acontecimentos que geraram o estado contemporâneo. Em sua obra, Gramsci ressalta a socialização da política com a organização operária que passa a ter consciência de sua importância ante a sociedade. As agremiações passam a se fortalecer ameaçando assim os pilares do poder burguês, “[...] O maior mérito de Gramsci consiste em ter ampliado a teoria marxista prática de estado. [...]” (COUTINHO, 2011, p.14).

O contexto que Marx vivenciou no século XIX foi se diluindo e passou por enorme transformação, conseqüentemente o estado liberal é modificado pelos princípios do século XX que estão intimamente ligados com as massas intervencionistas. O poder vai se desagregando a cada manifestação organizada, a cada segmento social que se engaja junto à luta. Tais segmentos vão ganhando força e autonomia ante a sociedade, fazendo possível a concretização do fenômeno que Gramsci concebe como irrupção das massas ao cenário político, fenômeno esse fruto da organização sindical, conforme citação:

[...] ele viu que, com a intensificação dos processos de socialização da política, com algo que ele chama algumas vezes de “standardização” dos comportamentos humanos gerada pela pressão do desenvolvimento capitalista, surge uma esfera social nova, dotada de leis e de funções relativamente autônomas e específicas e – o que nem sempre é observado - de uma dimensão material própria. É essa esfera que ele vai chamar de “sociedade civil”, introduzindo uma novidade terminológica com relação a Marx e Engels (para os quais “sociedade civil” é sinônimo de relações de produção econômica), mas retomando alguns aspectos do conceito como tal aparece em Hegel (que introduziu na sociedade civil as “corporações”, isto é, associações político-econômicas que, de certo modo, podem ser vistas como formas primitivas dos modernos sindicatos) (COUTINHO, 2011, p.14).

A organização cidadã junto ao estado potencializa as agremiações sindicais, fazendo com que as forças estatais passem a se preocupar com a manutenção partidária política da burguesia. Conforme Coutinho (2011) o novo cenário de formações sociais elegidas como ocidentais em contraste as orientais de caráter mais primitivo, os mecanismos de poder não só visam as agremiações diretas do estado. Surge assim uma sociedade política que passa a lutar com os organismos repressivos. Sociedade civil é o conjunto de organizações de caráter privado, em que o adjetivo privado está associado ao caráter voluntário e espontâneo das relações de poder. Já a sociedade política está atrelada a uma ditadura de classe em que os aparelhos ideológicos do estado monopolizam a violência contra a sociedade.

Gramsci vislumbra o fortalecimento das relações sociais através da sociedade civil, em que as classes buscam sua hegemonia ante o estado, destoando assim de uma sociedade política em que reina a subordinação coercitiva por parte dos mandatários. A sociedade política se mantém urdida nos aparelhos coercitivos do estado, a exemplo de esferas como: a polícia, o jurídico e o exército. Já a sociedade civil mantém-se aliada aos aparelhos privados de hegemonia, a exemplos como: igreja, sindicatos, sistema escolar, empresas, instituições de caráter científico e artístico, conforme citação:

Pode-se observar que também as formas anteriores de dominação de classe, as formas abertamente ditatoriais ou autoritárias, apoiavam-se na ideologia, careciam

de algum modo de legitimação e consenso para poderem funcionar. Papel decisivo, na conquista dessa legitimidade por um estado, digamos, do tipo absolutista, vinha da ideologia religiosa: a igreja era um aparelho ideológico de Estado, fundamental na época do absolutismo. (COUTINHO, 2011, p 15)

Uma reconfiguração social é o que garante a socialização da política, em que o estado cada vez mais tem que abrir espaço para as massas e atuar em benefício das mesmas, ouvindo as vozes das lideranças sindicais e estabelecendo acordos consensuais com as minorias. Acordos esses que não visam apenas o fator econômico corporativo, afinal o estado não é apenas um aparelho de repressão social, o Estado também é um emaranhado de relações ideológicas e culturais que acontecem de acordo com os interesses morais e intelectuais das classes dominantes. As instâncias sindicais buscam seu espaço também nessa vertente, fazendo-se presente na sociedade como um todo e desconstruindo aos poucos o poder de coerção estatal, visto que: “O estado impunha a sua ideologia de modo tão coercitivo como impunha a sua dominação em geral: quem discordava dessa ideologia cometia um crime contra o Estado” (COUTINHO, 2011, p.15).

O papel dos intelectuais nesse processo revolucionário pautava-se única e exclusivamente em defesa dos mandatários, sendo aqueles os intelectuais tradicionais. Eis que surge o intelectual orgânico, que conforme a conceituação gramsciana essa categoria estaria intimamente ligada ao pertencimento de classe, tendo consciência de seu papel de atuação na sociedade em defesa das minorias.

Desse modo, os intelectuais já não são necessariamente ligados ao estado ou aos aparelhos ideológicos; eles podem se articular agora com essa esfera de organismos “privados”, exercendo suas atividades (e, entre elas, a de lutar pela hegemonia política e ideológica do grupo social que representam) através e no seio dessas formas autônomas de criação e difusão de cultura. (COUTINHO, 2011, p. 17).

A sociedade política se encontra diante de uma sociedade engajada e em constante crescimento mobilizacional. O que Gramsci faz é proporcionar um diálogo para explicar a maneira encontrada pela classe dominante de garantir o ajuntamento das classes subordinadas, porém em um novo projeto de governo que concebe o Estado contemporâneo por intermédio de uma revolução passiva, conforme citação:

[...] com a própria intensificação das lutas sociais, criam-se novas organizações, novos institutos também autônomos em face do Estado – os sindicatos, os partidos de massa, os jornais de opinião etc. -, os quais, embora possam ter como objetivo a defesa de interesses particulares, “privados, tornam-se também portadores materiais de cultura, de ideologias”. (COUTINHO, 2011, p.16)

Temendo a ameaça da revolução e reconhecendo o enfraquecimento burguês, um novo projeto é lançado pela burguesia, que é justamente o reconhecimento e incorporação das camadas populares a direitos sociais trabalhistas. O estado liberal aceita as exigências advindas das classes tidas como inferiores transformando assim a sua organicidade, mas também proporcionando a perpetuação e soerguimento do poder burguês na sociedade.

Vemos assim que a sociedade civil tem, por um lado, uma função social própria: a de garantir (ou de contestar) a legitimidade de uma formação social de seu Estado, os quais não tem mais legitimidade de uma formação social e de seu estado, os quais não tem mais legitimidades em si mesmo, carecendo do consenso da sociedade civil para se legitimarem. (COUTINHO, 2011, p. 16).

Observa-se que no transcurso da revolução algumas das classes sociais antes engajadas perderam sua autonomia ao associarem-se com ideais capitalistas de produção. Por isso o filósofo afirma o caráter passivo da revolução, tendo em vista que mesmo diante de tantas batalhas sociais da classe popular que originaram o Estado contemporâneo não foram suficientes para uma cisão total com os ideais da classe dominante.

As contribuições do filósofo italiano foram de grande valor, proporcionando enxergarmos que as afinidades da burguesia com os grupos sociais na sociedade contemporânea estão pautadas numa relação dialética entre as demandas das diferentes esferas sociais junto às ideologias da classe dominante. A burguesia não se vê abalada ao incorporar as camadas menos favorecidas, ela enxerga nisso um poder de revestimento a partir da inclusão desses novos setores que tão logo estarão inseridos no processo de mercantilização capitalista.

2.2 Gramsci e a filosofia da práxis

Gramsci não foi apenas um contribuinte para o material arqueológico da filosofia política, sua contribuição associa-se a expressões superestruturais intrínsecas a cultura e a filosofia, valendo salientar que a igualdade social é a consciência do homem quando se trata do elemento práxis, tendo em vista a sua relação com seu lugar e sua identificação com suas origens, conforme citação:

[...] A filosofia da práxis não é uma filosofia de um só, ela não é consequência de uma produção intelectual individualista, a menos que essa produção esteja a serviço de emancipação das massas populares. Uma vez posta em ação, a filosofia da práxis une o elemento popular e o intelectualizado. Ela reúne a inteligência do filósofo à vontade das massas e ambas se tornam uma unidade ativa (SILVA NETO, 2018, 148).

A análise histórica ou crítica ontológica são os pilares da filosofia da práxis que também pode ser vista como uma teoria da história, sobre tal questão Gramsci vai refutar qualquer marca metafísica. A filosofia da práxis nos faz entender o seu caráter popular evidenciando que a filosofia e o filosofar não são privilégios dos doutos da academia.

Não se pode separar a filosofia da história da filosofia, nem a cultura da história da cultura. No sentido mais imediato e determinado, não se pode ser filósofo, isto é, ter uma concepção de mundo criticamente coerente – sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento representada por esta concepção e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções. (GRAMSCI, 2011, p.129)

A filosofia da práxis também foi considerada uma forma de Gramsci para conscientizar o proletariado enquanto encontrava-se em estado carcerário, sendo a conceituação de filosofia da práxis uma espécie de camuflagem para os ideais marxistas (COUTINHO, 2011), tida como uma criptografia carcerária, que evitaria todo e qualquer tipo de censura, servindo de alento pedagógico para a instrumentalização do saber da classe operária. No entanto, o italiano vai além dessa camuflagem teórica e também realiza uma espécie de atualização conceitual marxista, ressaltando através de sua linguagem os novos contextos, aliando assim a história, a política e a filosofia às ideias vigentes no século XX. Para Gramsci:

Se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar a maior ou menor complexidade de sua concepção de mundo (GRAMSCI, 2011, p. 130).

Com a instrumentalização da filosofia da práxis pelo proletariado a tendência é a popularização do conceito e ampliação dos horizontes possíveis por parte da sociedade civil, conforme citação: “Uma vez que a filosofia da práxis se popularizar, os grupos economicamente desfavorecidos deixarão a condição de serem marionetes sujeitas à ação das forças naturais ou políticas e passarão a ser protagonistas.” (SILVA NETO, 2018, p. 149). Assim, a filosofia da práxis também exerce papel decisivo na conscientização das massas, aliando a história à teoria e à prática, possibilitando assim a ascensão social dos menos favorecidos, “O objetivo de Gramsci é o de emancipar as massas populares, de todo e qualquer determinismo histórico imposto pela ideologia religiosa, ou provindo de filosofias especulativas e científicas” (SILVA NETO, 2018, p. 149).

2.3 Gramsci e a arte literária

A arte literária exerce grande influência na vida de Antonio Gramsci, que em sua tenra idade, aos 20 anos, o jovem migra para Turim com intuito de estudar Filologia Moderna junto à Faculdade de Filosofia e Letras da Università degli Studi di Torino, não vindo a concluir seu curso por dificuldades financeiras e grande afinco com a militância. Todavia, Gramsci segue sempre apaixonado pela linguística e continua seus estudos individuais. Sendo essa proximidade com o mundo das letras que sensibiliza o estudioso ao campo artístico literário.

Para o italiano, a literatura nacional teria que ser engajada em vista da conscientização da sociedade política, tendo assim que brotar intelectuais das classes menos favorecidas, e, além disso, tal intelectualidade carecia de reconhecimento por parte do setor editorial, para assim ganhar forças e propagação junto à sociedade. Conforme Gramsci:

[...] A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é o setor editorial em geral: editoras (que tem um programa implícito e explícito e se apoiam em uma determinada corrente), jornais políticos, revistas de todo tipo, científicas, literárias, filológicas, de divulgação etc., periódicos diversos até os boletins paroquiais. (GRAMSCI, 2011, p. 342).

A arte tem que transcender os limites estéticos e se tornar para além da arte, ou seja, tornar-se ferramenta de instrumentalização do conhecimento, saber esse que conscientizará o proletariado a ocupar mais esse espaço e através dele conceber uma práxis social no campo literário através de sua historicidade, rompendo as barreiras impostas e triunfando categoricamente:

[...] ““historicidade”, isto é, caráter “nacional popular” do escritor, ainda que no amplo sentido da “socialidade”, mesmo em sentido aristocrático, contanto que o grupo social que se expressa seja historicamente vivo e que o “vínculo” social não seja de caráter “prático político” imediato”, ou seja, declamatório-moralista, mais sim histórico ou ético político. (GRAMSCI, 2011, p. 347-348)

No Itália não existe uma literatura popular, produzida *in loco*, conforme Gramsci (2011) O cenário italiano carece de sentimento de identificação entre as concepções de mundo que permeiam a classe dos escritores a do povo, não há o imbricamento de uma educação

nacional popular. Nessa questão ainda é pertinente o destaque ao sentido filológico de que em inúmeros idiomas as palavras: nacional e popular são sinônimos, entretanto, conforme citação:

[...] Na Itália, o termo “nacional” tem significado muito restrito ideologicamente e, de qualquer modo não coincide com “popular”, já que na Itália os intelectuais estão afastados do povo, ou seja, da “nação”; estão ligados ao contrário, a uma tradição de castas, que jamais foi quebrada por um forte movimento político popular ou nacional vindo de baixo. (GRAMSCI, 2011, p. 348).

Excluído o sentimento de pertencimento próprio do contexto italiano mesmo que brotem intelectuais advindos de origem popular, o mesmo não irá nutrir o sentimento de pertencimento por sua gente através de sua arte. No tocante à literatura, a Itália é colonizada por escritores não vernaculares, “[...] A questão deve ser estendida a toda a cultura nacional-popular e não se restringir apenas à literatura narrativa: o mesmo deve ser dito do teatro, da literatura científica em geral (ciências naturais, história etc.)” (GRAMSCI, 2011, p. 349).

Esse dilema que paira sobre o país, ressalta Gramsci (2011) não seria de agora. Ele é advindo desde o alicerce do estado italiano, na Itália nunca se acentuou o sentimento de pertencimento, conseqüentemente também nunca houve uma literatura nacional-popular, de quaisquer que sejam a categoria, o italiano prefere o intelectualismo estrangeiro do que os fidalgos vernaculares.

3. A SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DE PATATIVA DO ASSARÉ E DE LEONARDO BASTIÃO

Patativa do Assaré foi um poeta que sempre cantou seu povo e fez apologia as suas raízes, com seus afetos e desafetos, mas sempre buscando uma sociedade justa e igualitária. A cidade de Assaré (CE) ganha pertencimento cultural, não só ela, mas o Ceará, o Nordeste como um todo. Alega-se a Patativa o título de intérprete do sertão, título esse mais do que justo, pois ele como ninguém sempre esboçou as dores do seu povo através de seus poemas, em sua produção o mesmo não distingue seu pensamento estético de sua ética pessoal. Conforme Fabiano Piúba (1968-), secretário de cultura do estado do Ceará:

Patativa do Assaré produziu uma obra solidária com seu povo e sua cultura, cantou e traduziu o Ceará e o cearense, o Nordeste e o nordestino, o Brasil e o brasileiro com a maestria poética e com o compromisso social que lhe era peculiar [...] mais patativas precisam nascer (CARVALHO, 2020, p. 21).

Patativa se julgava um poeta preocupado com o social, e tinha como marcas que estampavam sua poética, a justiça e a verdade, o cotidiano e as proezas de sua gente, transpor as dores de um povo através de sua arte nos limites atemporais da existência, sem vaidade alguma, porém muito satisfeito com todo reconhecimento social a ele atribuído.

Patativa tinha uma visão crítica a respeito do Brasil, visão essa que abarca desde a existência do nosso país até os dias atuais, o seu poema célebre “Injustiça”, retrata justamente a injustiça do descobrimento de nossa terra, daí partem todas as suas demais críticas sócias, sendo o poema retratado a seguir a raiz do problema:

O nosso selvático vivia contente
 Quando estranha gente na tábua chegou
 E o índio liberto foi subordinado
 Foi escravizado sem-terra ficou
 Se é grande injustiça tomar o que é alheio
 Se é um ato feio, se é crime de horror,
 Na culpa medonha os brancos caíram
 Porque transgrediram a lei do Senhor.
 [...]
 Em nomes daqueles que vivem sem terra
 E não querem guerra procuram a paz,
 A igreja reclama o amor e piedade
 E a fraternidade que o gozo nos traz. [...] (ASSARÉ, 2001, p. 98)

Sua literatura tem forte influência de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) e Zé da Luz (1904-1965), poetas esses que sempre impressionaram Patativa, por agregarem forte poder de inventividade e comoção social.

Leonardo Bastião, poeta de Itapetim (PE), também agrega em sua produção a preocupação pelo social. Por exemplo, a falta de olhares pela sociedade por parte dos governantes é motivo de revolta do poeta, o mesmo faz de sua poesia, um protesto, um clamor para que sua gente seja vista na esperança que sejam lembrados e socorridos pelo poder público. A violência é a marca que mais preocupa o poeta, que assegura que a mesma destrói e corrompe a sociedade, violência essa advinda da fraqueza das leis como bem sintetiza: “No Brasil farta uma coisa/ E não sei porque ninguém fez/ Eu mesmo sem saber ler/ Vou dizer mais uma vez/ Que a raiz da violência/ Tá na fraqueza das leis. (BASTIÃO, 2018, p. 40). O mesmo é revoltado com a crueldade e injustiças sociais, acreditando que se houvesse leis mais austeras o problema seria apaziguado.

Outra marca do poeta Itapetinese é a comoção com os menos favorecidos, o morador de rua, a criança abandonada, são alguns personagens frutos do descaso social, que angustiam o poeta, que a única coisa que pode fazer é retratá-los, tirá-los do anonimato e expressar suas dores e sonhos através de sua poesia, que semelhante à de Patativa do Assaré, vai além da preocupação estética e também esboça um olhar ético e social com as injustiças e desmandos da nação, vejamos:

Brasil, terra abençoada
 Onde a riqueza é horrível
 E tem muita gente que vive
 Sem riqueza e sem morada
 Dormindo em qualquer calçada
 Num sofrimento medonho/
 Tem deles que tem um sono
 Mas o poder lhe maltrata
 E aqueles que ainda mata/
 São defensor do demônio. (BASTIÃO, 2018, p. 46)

A sociedade na perspectiva de Patativa e Bastião tem que tomar consciência de sua importância junto ao meio, o engajamento por intermédio da formação de sindicâncias e agremiações colocará em evidência a luta social em favor dos menos favorecidos, e a poética dos sertanejos em questão sempre estará ao lado dos oprimidos, dando voz a essa esfera do proletariado.

3.1 Vínculos entre os seres humanos e a natureza que são apresentados nessas poesias

A vida é uma complexa poesia compreendida por poucos, e tanto Bastião quanto Patativa a compreenderam por intermédio de suas idiossincrasias. Ambos os poetas além da preocupação social também tiveram uma preocupação ecológica pela fauna e flora endêmicas de sua região. Buscando sempre a preservação ambiental, e por intermédio do elemento artístico conscientizando a população da necessidade premente de cuidado com o nosso bioma. Conforme o professor Gilmar Ferreira:

Na subjetividade humana habitam: os cantos dos pássaros, os sussurros da caatinga, os gemidos da seca, as explosões da natureza na invernoada, os ecos dos vales e serras, o mungido do gado, as corridas de vaquejadas, o aboio durante o crepúsculo e outras infinitudes de expressões [...] (FERREIRA, 2018, p. 59).

Para Patativa, a natureza está entrelaçada à matéria, ao tempo e ao espaço. Certa vez visitando a cidade de São de São Paulo, Patativa é levado ao Museu da Imagem e do Som, lá obteve destaque quando ressaltou o poema “A Cobra Falou”, versos esses que faziam menção ao instituto Butantã:

Zé Maria era um rude camponês
Assinar o seu nome não sabia
Mas, contudo, encerrava polidez
A moral natural de Zé Maria.
[...]
Mas um dia encontrou grande perigo
Medonha cascavel, um monstro imundo
O camponês até pensou consigo
Que era a mais velha deste mundo
O caboclo sentiu uma surpresa
Porém dando uma prova de valente
Erguendo um pau já tinha por certeza
Machucar a cabeça a cabeça da serpente.

Quando a cobra falou bem comovida
“Zé Maria, eu lhe peço piedade
Eu lhe rogo que poupe minha vida
Pela santa e divina majestade!
Meu veneno é fatal é bem verdade!
Sei que muitos me chamam de assassina,
Mas eu tenho uma grande utilidade
Eu concorro em favor da medicina

Que eu sou útil no mundo não esqueça
Eu sou filha de Deus, sou sua irmã!
Se há de esmagar minha cabeça
É melhor me levar ao Butantã”
Aquele homem sensato e muito crente,

Fé nas coisas a tinha assim com sobra
 Fez com gosto o pedido da serpente
 Voltou da roça sem matar a cobra. (CARVALHO, 2009, p. 53)

Como bem vemos, o poeta cearense rompe os limites da preocupação social também abordando temáticas de importante relevância para a preservação do nosso ecossistema, pela linguagem poética levando ensinamentos da relação do homem com a natureza. Patativa no poema anterior faz ressalva a temida cobra cascavel, que possui veneno letal e é de fácil identificação pelo que popularmente é chamado de “chocalho/guizo”, quando a serpente se sente ameaçada emite barulho através deles. Barulho esse que é sinal de perigo para o sertanejo, todavia, o poeta assareense irrompe os medos populares e preza pela manutenção da vida do réptil, que inclusive encontra-se em extinção, e seu veneno é de valiosa importância na constituição do soro anti-crotálico.

Em Antônio Gonçalves da Silva, natureza não é apenas um jardim ou a ordem do que está ao nosso redor e onde nos inserimos. Nesse sentido, seu discurso é ecológico *avant la lettre*, ao propor a fusão do homem com a natureza, a integração de duas ordens que poderiam parecer complementares e que, em sua poética, se soldam na constituição de uma liga. (CARVALHO, 2009, p. 136)

E a preocupação dele não para por aí, são inúmeros os poemas que o poeta faz ressalva a respeitável relação do homem com a natureza, sempre dando sinais de alertas por meio de sua arte e instruindo sua gente a um comportamento sustentável com o meio os cerca. “Eu e o Sertão” é outro hino composto pelo trovador, que como ninguém descreveu nesse poema a sua relação com sua terra, com sua gente e origens sociais camponesas:

No rompê de tua orora
 Meu sertão do Ciará
 Quando escuto a voz sonora
 Do saudoso sabiá,
 Do canaro e do campina
 Sinto das graça divina
 O seu imenso pudê
 E com muita razão vejo
 Que a gente ser sertanejo
 É um dos maior prazê. [...] (ASSARÉ, 1978, p. 21)

Na estrofe citada o trovador cearense faz ressaltar ao belo canto das aves, que para o sertanejo são quem compõe a sinfonia do povo nordestino ao raiar de cada aurora, sinfonia essa que é regida pelo arquiteto universal, Jesus Cristo sendo o responsável pela

harmonização do cenário campestre, e o gorjeio sonoro do galo de campina é quem incentiva o roceiro a seguir firme em sua labuta rural.

“O Retrato do Sertão”, também é outro poema que reafirma a relação homem e natureza, afinidade que segundo o poeta de Assaré tem que ser harmônica sem exploração desenfreada, levantando sempre a bandeira da sustentabilidade, vejamos a seguinte estrofe:

Aqui, do mundo afastado,
 Acostumei-me a viver
 Já nasci predestinado,
 Sabendo amar e sofrer.
 Neste meu sertão bravio,
 Nas belas tardes de estio,
 Da chapada ao tabuleiro
 Eu louvo, adoro e bendigo
 O ladrar do cão amigo
 E aboiar do vaqueiro. (CARVALHO, 2020, p. 98)

O cenário campesino é destaque no decassílabo que precede, o sentimento de pertencimento com seu torrão natal, pertencimento esse que também carrega a dura sina de enfrentar as adversidades impostas pelo meio, mas que propícia o ônus de conviver com a pureza e sensibilidade do universo pastoril.

O meio ambiente foi muito presente na vida de Patativa, afinal o mesmo nasceu no sítio e boa parte de sua vida viveu na localidade de Serra de Santana, município de Assaré, mesmo quando se mudou para a cidade rotineiramente retornava as suas raízes, conforme Ferreira (2018, p. 137): “O Sertanejo, habitante das comunidades rurais, dos sítios ou fazendas, é um ser eminentemente entrelaçado com a terra”. Patativa sempre manteve essa simbiose com o ambiente bucólico que sempre lhe inspira muito, afinal a natureza sempre é matéria magna de inspiração para todo poeta, a ciência de suas composições é advinda dela, conforme citação:

Eu observo a natureza, os cantos dos pássaros, à vegetação, que é uma riqueza, as plantas medicinais, a umburana de cheiro, a catingueira branca de que, além de ser medicinal é uma alimentação para os animais; o jucá... Eu observo tudo; aquela pranta que da mais sombra, a que mesmo no verão, permanece verdinha. [...] (FERREIRA, 2018, p. 137).

Patativa, sempre se identificou com seu meio, não é à toa que boa parte de sua produção retrata a sua vivência, além de sua capacidade inventiva, o mesmo não produzia forçado ou por encomenda, como dizem. O mesmo retirava do natural a sua inspiração para o social, ecológico e religioso. O vaqueiro é sempre uma figura predestinada dos sertões

nordestinos, homenageada através de músicas e poemas, e o poeta de Assaré não fica de fora da retratação dessa figura mítica do Nordeste brasileiro.

Eu venho dêrne menino,
 Dêrne munto pequenino
 Cumprindo o belo destino
 Que me deu nosso senhô.
 Eu nasci pra sê vaquêro,
 Sou o mais feliz brasilêro,
 Eu não invejo dinheiro
 Nem diproma de doto.
 [...]
 Da minha vida eu me orgúio,
 Levo a jurema no embrúio
 Gosto de vê o barúio
 De barbatão a corrê
 Pedra nos casco rolando
 Gaio de pau estralando
 E o vaquêro atrás gritando
 Sem o perigo temê. (ASSARÉ, 1978, p. 213-214).

Esse poema retrata imagetivamente a figura do vaqueiro, dando ênfase a sua bravura e identificação como o mato, poema esse que foi imortalizado na voz de Raimundo Fagner (1949-), que foi primeiramente nomeado como “Sina”, sem reconhecimento da autoria à Patativa. Que veio a ficar chateado na época e deu inúmeras entrevistas a respeito, até Fagner o procurar para reconhecer as vias de fato, e com sua autorização regravar como “O Vaquêro⁴”, que não carrega uma sina, mas sim uma identificação social com as pegadas de boi e vaquejadas, que são tidas como o esporte característico do nordeste brasileiro. Para Ferreira (2018, p. 165):

Nos versos, percebe-se a forte ligação do poeta com o mundo vivido. O vate do sertão respira os sentimentos da natureza e do povo do seu lugar, onde os gemidos da terra, os gritos da caatinga, os ecos das pradarias e dos morros, as vozes da cultura sertaneja são os sons que moldam a poesia num movimento cadenciado. O poeta do sertão dimensiona a sua vida às coisas do lugar, e delas alimenta os sentidos para uma expressão que desenha no seu corpo e na poesia os signos que resplandecem de sentidos o universo sertanejo.

“A Festa da Natureza” é outro poema que correlaciona o espetáculo do meio ambiente, as fascinantes proezas dos animais e encantadora beleza da caatinga presente na Chapada do Araripe, “Os cordão da barbuleta, amarela branca e preta/ Vão fazendo pirueta/

⁴ “O vaqueiro é o desbravador da caatinga; o cantador de alvoradas e de crepúsculos, pegador de boi rabo e amansador de novilho. É a expressão máxima de coragem do homem do sertão e de uma interação muito forte com os animais de criação, mais especificamente com o cavalo, gado e o cachorro” (FERREIRA, 2018, p. 148).

Com medo do bem-ti-vi, / E entre a mata verdejante/ Com o seu papé istravagante/ O gavião assartante/ vai atrás da juriti (ASSARÉ, 1978, p. 80). A harmonia no nicho ecológico descrita por Patativa é algo formidável, o mesmo concebe toda uma cadeia alimentar se analisarmos bem a estrofe supracitada, “[...] a poesia diz do poeta, a natureza expressa a poesia, o poeta se revela natureza e poesia.” (FERREIRA,2018, p. 165)

“O Pica-Pau” mais uma sacada genial do trovador cearense, em que compara as bicadas da ave na madeira a um concerto instrumental, sendo essa ave o maestro e músico principal nessa banda de um único personagem, vejamos: “Eu juro no santo nome, / Como aquele pica-pau, / Tarvez por causa da fome, omentou mais o seu grau/ Apressando as bicorada, / Dando jeito de toada, / Lá no gaio da aruêra/ E tanto e tanto intuiu/ Inté que ele terminou/ Tocando a <Muié Rendêra>. Já em outro poema semelhante “O Paraíso das Aves” ele retrata os passarinhos da região dos Inhamuns, com toda sensibilidade que é característica forte em Patativa o mesmo abre os pomares de sua mente para um gotejar de rimas, em que os artistas a se apresentarem são os pássaros:

Certa vez entrando ali
 Diversas aves eu vi
 Rola, nambu, juriti,
 Xexéu, canário e viana,
 Tanto que o quadro bonito
 Não posso dar por escrito,
 Desde o pequeno sibito
 À ema pernambucana.
 [...]
 Mas desta turma de alados
 Cantores apaixonados
 Mostrando com seus dobrados
 Notas agudas e graves
 Há um que mais me fascina:
 É um galo de campina
 O maestro que domina
 O Paraíso das Aves” (ASSARÉ, 2003, p. 210-211)

“O Sabiá e o Gavião”, mais um dos tantos poemas que Patativa aborda a natureza, aqui sintetizando o valoroso canto do Sabiá, e repudiando o gavião, que em sua cadeia alimentar tem o sabiá como preza. Patativa irá incriminar o Gavião pela sua crueldade, em matar as outras aves, e conseqüentemente interromper a relação dos apreciadores do canto dos pássaros, vejamos:

O sofreu e a patativa
 Com o canaro e o campina
 Tem canto que me cativa,
 Tem musga que me domina
 E inda mais o sabiá
 Que tem prêmero lugá

É o chefe dos serestêro,
 Passo nenhum lhe condena, /
 Ele é dos musgo da pena
 O maió do mundo intêro.
 [...]
 Tem o gavião maldito
 Que além de muito esquisito
 Como igual eu nunca vi,
 Esse monstro miserave/
 É o assassino das ave
 Que canta pra gente uví. (ASSARÉ, 1978, p. 226-227)

“Meu Caro Jumento” é um poema em defesa do animal, que foi tão usado na época de Patativa para o transporte de mantimentos, pessoas, água e até mesmo como puxador de cultivador para arar as terras à plantação. Mas o poema em si além desses fatores citados anteriormente também vai sintetizar um protesto social, já que o poeta compara o jumento ao trabalhador roceiro, na questão de nunca ser lembrado, está sempre a serviço do patrão, padecer as duras penas trabalhando de sol a sol, sem zelo, sem proteção, um mero objeto em forma de animal, e com o roceiro não é diferente o mesmo é tratado pelo patrão como mão de obra barata e produtiva, vejamos o versejar de Patativa com o “Meu Caro Jumento”:

O seu valô sublimado
 Não é só porque trabaia
 Levando os costá pesado
 E os quatro pau da cangaia,
 Pois você não merecia
 Sofrê tão grande anarquia,
 Vivendo como um criado,
 Com o seu valo profundo
 Era pra sê neste mundo
 Um animá respeitado.
 [...]
 E agora caro jumento
 Se eu errei peço perdão.
 Mas, todo o seu sofrimento
 É falta de proteção
 De assistência e de respeito.
 Você é do mesmo jeito
 Do matuto agriculto,
 Que trabaia até morre
 Pro mundo intero comê,
 Mas ninguém lhe dá valô. (ASSARÉ, 2003, p. 294 e 297)

A desigualdade social como se pode perceber em todas as épocas e contextos está presente, velada ou não, mas está lá estabelecendo barreiras e privilegiando as classes mais abastadas da sociedade, enquanto os menos favorecidos são escanteados de oportunidades que propiciem seu crescimento social. Conforme o professor Durval Muniz: “O Nordeste parece

estar sempre no passado, na memória; evocado como espaço para o qual se quer voltar, um espaço que permaneceria o mesmo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.98).

No contexto em que os dois poetas estão inseridos outra importante questão à ressaltar é o advento das secas que assolavam demais o Nordeste. Conforme Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste está atrelado à seca, não existindo sem ela, pois a mesma é atributo particular desse espaço. E cada poeta em sua região vivenciou de perto as duras penas que as secas impuseram contra a sobrevivência. Patativa em seu poema “Imigrante Nordestino no Sul do País” ressalta: “Porém não havendo inverno/ Reina um verdadeiro inferno/ De dor e de confusão [...]” (ASSARÉ, 1978, p. 325).

Já Leonardo Bastião no poema “A Seca” descreve o seguinte: “Com duas horas de chuva/ Acaba nosso aperreio/ Que inchendo açude e barrega/ O rí também fica cheio [...]” (BASTIÃO, 2018, p. 32). No diálogo de Assaré com Bastião, o primeiro realça as dificuldades e a decadência total no período de estiagem, já o segundo com sua inteligência nata, ressalta o poder de revigoramento da vegetação da Caatinga, que pouquíssimo depois das chuvas já dá alimento em seu chão, e a vida se faz presente, a terra se tornando fértil para o cultivo. O nordestino volta a ter felicidade e pode prosseguir sua lida, conforme citação:

[...] Por isso o poeta é o grande alquimista que transforma as pedras, os riachos, os morros, os vales, os animais e os vegetais em seres de poesia, metamorfoseados em palavras sentimentais. O sertão, por intermédio da poesia, torna-se mais fluido, e seu corpo expressivo, com as centelhas do sol madrigal, desperta a poesia na floresta dos sentidos, clareando a existência humana, sensibilizando a vida para a comunhão e o respeito sobre um lugar complexo, imprevisível, delicado, frágil, forte e resistente. (FERREIRA, 2018, p. 167)

Adentrando a obra de Leonardo Bastião, *Minha Herança de Matuto*, guarda o espólio do sertanejo, e a relação do homem com a natureza é característica forte em grande parte da produção do poeta pajezeiro. É perceptível que Leonardo na sua maneira idiossincrática de ser, agrega uma preocupação ecológica com o meio que o cerca. Afinal, Bastião diz ser sua principal fonte de inspiração a natureza, nada do universo artificial lhe sensibiliza. Leonardo mesmo sem estudo em sua literatura alerta para os impactos da exploração desenfreada de nossa selva.

“A Braúna” é um dos célebres poemas em defesa da mata e dos animais, fazendo referência à árvore nativa da caatinga, muito procurada pelos artífices, e escassa nos nossos rincões, madeira nobre, ou como dizem os sertanejos: madeira de lei, árvore que o cupim não rói.

É Cuma aquela braúna
 Que no passado se via
 Cantando alegre um craúna
 As cinco horas do dia,
 Mas cumpretô a idade
 Morreu deixando saudade
 Para quem conheceu ela
 Era tão grande a beleza
 Que somente a natureza
 Faiz outra coisa daquela.
 [...]

O sertão não presta mais
 E ele vêi ficar ruim
 Depois que o home deu fim
 A mata e os animais
 O chão foi ficando inchuto
 E a terra negando o fruto
 E o povo passando fome
 Quem destruiu a beleza
 Não deu fé que a natureza
 Tá se vingando do home. (BASTIÃO, 2018, p.18 e 20)

“A Caçada” são décimas em decassílabos que envolvem o personagem do caçador e a escassez de animais silvestres na mata, justamente pela procura desenfreada pelos animais, não respeitando os períodos de reprodução, e indo além da caça de subsistência, para o comércio das iguarias do mato, observemos:

Fui na serra caçar não achei nada
 Onde tinha mocó não tem nenhum
 Eu vi dois papa-sebo e um anum
 E uma cobra coral inrudiada
 Foi num foi eu pisava numa ossada
 E desisti de caçar pra não ver osso
 E o cachorro latindo fino e grosso
 Fui olhar pra saber dizer no fim
 Era ele acuado com um sôim
 Carregando um filhote no pescoço. (BASTIÃO, 2018, p. 36)

“Como Vai a Fazenda”, são versos em variados estilos silábicos, em que o poeta retrata a sua vivência no sítio localizado a poucos metros das margens do Rio Pajeú, o sítio Goiana. Dentre as diversas abordagens que ele faz no decorrer do poema, destacaremos uma sextilha, no qual ele fala sobre o lobo-guará, animal que corre o risco de extinção devido a caça e a maldade humana em dilacerar a vida do animal, que é conhecido popularmente como o desordeiro dos roçados alheios: “o guará desce da serra/ Chega na vage e se apossa/ Quebra tanta cana e chupa/ Que as tripas do bucho adoça/ E volta no dia seguinte/ Como quem comprou a roça” (BASTIÃO, 2018, p.38).

“O Beija-Flor”, dentre as inúmeras décimas do poeta, essa é uma das mais sensíveis, pois narra singelamente a delicadeza, cuidado e esperteza do beija-flor, passarinho belo que poliniza os pomares do sertão. Sobre os mistérios dessa ave, vejamos: “Beija flor não canta nada/ Mas mesmo assim dá um shô/ Que aprendeu uma zuada/ Que imita um ventilador/ E com o bico espanta as abelha/ Pra poder beijar a flor” (BASTIÃO, 2018, p. 78).

Em “Coisas do Sertão”, Leonardo reúne o universo sertanejo, e através do universo poético coloca em destaque a fauna e flora que lhe rodeia, com o seu olhar sensível, cauteloso e emblemático sobre os fenômenos da natureza e o comportamento dos animais, a relação do meio com sua gente, e a importância dos nichos ecológicos para a manutenção permanente do ciclo da vida. A natureza transmitindo ensinamentos ao homem, que a partir dela constrói os seus simulacros, como bem podemos observar a curiosa sextilha em que o poeta faz ressalva à uma abelha melípona: “A natureza tem livro/ Pra onde a gente se vira/ E aqui eu vejo uma coisa/ Que todo mundo admira/ Que aprendero a fazer pote/ Olhando pra uma cupira” (BASTIÃO, 2018, p. 84). A abelha de cupira não apresenta ferrão e constitui sua colônia a partir de uma colônia já abandonada pelos cupins, a observação minuciosa do cenário sertanejo sensibilizou Leonardo na construção da estrofe anterior. O poeta retira sua inspiração da experiência vivida, conforme citação:

É na experiência vivida com o sertão que o poeta sente o impulso da criação quando a natureza sertaneja penetra na sua dimensão sensível, despertando o sentimento poético para a elaboração de versos que são as paisagens e as imagens da natureza sertaneja. (FERREIRA, 2018, p. 164)

Leonardo expõe que a natureza sempre foi e será a maior educadora, mestra em todas as artes, por mais que o homem a copie nada terá a mesma perfeição, serão apenas arquétipos de uma realidade in natura como bem sintetiza o aedo: “Tudo que o homem estudou/ Pra natureza foi pouco/ Ele não faz um coqueiro/ E se inventar fica louco/ Caçando a encanação/ Que leva água do chão/ Pra botar dentro do coco” (BASTIÃO, 2018, p. 84). Toda a sistemática da natureza é singular e equilibrada, pena que o homem extrai dela apenas sua singularidade, não prezando pelo equilíbrio. Bastião, como ninguém, correlaciona o ambiente que vive com as espécies que o cercam e como as mesmas se comportam, observemos: “O Cancão não tano preso/ Ele vive independente/ Pranta mi dentro dos mato/ E sabe que aquela semente/ Se for zelada é melhor/ Do que a roça da gente” (BASTIÃO, 2018, p. 84). Para Ferreira (2018) há uma identificação entre a natureza e o poeta que convive nesse meio, o aedo captura a essência que o cerca e translitera em poemas através de sua percepção.

A pulsão da criação poética emerge da dimensão corpórea quando o poeta identificasse com a natureza. Quando ambos dialogam para um sentido amplo e profundo, a poesia e a natureza surgem sem uma anúncio prévia a partir da palavra cantada ou escrita pelo poeta do sertão. Ele mesmo não sabe como acontece o movimento da criação, pois o despertar sensível acontece de maneira imprevisível. (FERREIRA, 2018, p. 164)

“Cores da Natureza”, engloba os versos que Bastião realça sobre as belezas da natureza, sintetizando os nuances do meio ambiente através de sua criatividade inata, observando minuciosamente as belezas que o cercam, percebendo o imperceptível, vendo aquilo que só os olhares sensíveis enxergam, sempre em tom de alerta e preocupação ecológica: “Quem adora a natureza/ Potrege o meio ambiente/ Planta mais uma semente/ Para aumentar a riqueza [...]” (BASTIÃO, 2018, p. 68). Perceber os limites do horizonte que o cerca, olhando as minúcias do comportamento animal, e colocar tudo isso em linguagem poética é algo inexplicável que só quem é poeta sabe, esse é o Leonardo Bastião.

A abelha de Cupira
 Na profissão de doceira
 Fabrica o mel e a cera
 Faz pouco, mas admira
 De toda fruta ela tira
 Doce sabor e mistura
 Faz o mel depois apura
 Fica todin de uma cor
 E ainda tem o sabor
 Da graviola madura. (BASTIÃO, 2018, p. 69)

Patativa e Leonardo são formidáveis, puro deleite para o leitor, suas poéticas são maiores que qualquer tentativa de interpretação, qualquer análise por mais minuciosa que seja ainda estará distante de sua real sensibilidade, a sabedoria dos poetas em questão evidencia o mundo e assoalha os mistérios da existência.

3.2 Registros dos segmentos sociais apresentados pelos poetas

Buscando os segmentos sociais nas poesias dos dois poetas populares, destaco o poema “O Agregado” de Patativa do Assaré e “Minha Infância” de Leonardo Bastião. Nos poemas em questão os poetas destacam a pobreza e as dificuldades enfrentadas no sertão à mercê do próprio destino e sem terem se quer o próprio alimento para o sustento. Patativa realça a condição de pobreza nos seguintes versos “Os fio dizendo: - papai tou com fome! / E o pobre desse home a chorá como loco/ Oiando a famia, tão magra e tão fraca/ Na veia barraca de paia de côco” (ASSARÉ, 1978, p. 339). Já Leonardo, nessa mesma vertente diz o

seguinte: “Fui vítima do sofrimento/ Que o fi do pobre se ferra/ Fui obrigado da terra/ Tirar meu próprio alimento” (BASTIÃO, 2018, p. 25).

Patativa do Assaré no poema “O Poeta da Roça” fala sobre a dificuldade enfrentada para estudar: “Não tenho sabença, pois nunca estudei/ Apenas eu sei o meu nome assiná. / Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre/ E o fio do pobre não pode estudá” (ASSARÉ, 1978, p. 20). Patativa ao contrário do que muitos pensam não era analfabeto como bem afirma o próprio poeta em entrevista à Carvalho (2009): “aprendi a ler através da cartilha de Felisberto de Carvalho, sou um semianalfabeto, posso dizer que fui apenas alfabetizado”.

Como bem podemos constatar, o Brasil é um país com dimensões continentais em estado de subdesenvolvimento, mas que no atual contexto pandêmico associado aos desmandos governamentais a linha de miserabilidade tem crescido drasticamente. Os cortes nos recursos destinados a educação também sofreram duras sentenças, sendo reduzido o orçamento na ciência e tecnologia, prejudicando o desenvolvimento da pesquisa no país e causando um retrocesso a curto e médio prazo no engrandecimento da nação.

Dois poetas camponeses, dois homens que nasceram em contextos de extrema pobreza, porém com pensamentos à frente de sua época. Patativa e Leonardo, únicos em suas poesias e semelhantes em suas idiossincrasias. Poetas esses que contemplaram em suas produções alguns seguimentos sociais como veremos no decorrer deste capítulo.

A poesia de Patativa é uma poesia cidadã, em que o mesmo faz uma redefinição social, através de metáforas e associações poéticas, como bem vemos no poema “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso”. São dezessete estrofes, dando um total de cento e trinta e seis versos descritos no modelo de rimas ABABABCC, seguindo a mesma tonicidade de “Os Lusíadas” de Luís de Camões (1524-1580). O poema aborda as divisões das classes sociais, através das associações do catolicismo, analogamente: o inferno sendo atribuído à classe pobre, o purgatório à classe média e o paraíso à classe rica. De maneira inusitada através do recurso da ironia, Patativa aborda o contexto de cada uma delas e faz o percurso dos andarilhos após a vida terrena.

Em primeiro plano, o poeta aborda o “inferno”, que é a classe pobre acometida pelas duras procelas sociais. Em seguida, o poeta descreve o purgatório que no imaginário popular católico é local de purificação, penitência e arrependimentos dos pecados cometidos, trazendo aqui a classe média, que luta pela sobrevivência tentando ascender da pobreza para outro patamar social. E, por último, o poeta esboça o paraíso, onde reinam glórias e bonanças, e só esses alcançam a salvação, que no sentido religioso está atrelada aos pecados, no âmbito social correlacionasse a uma vida de superávit econômico.

Observemos na íntegra a descrição do poema:

Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e diviso
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível
E repleto de cenas de tortura,
Onde nota-se o drama triste horrível
De lamentos e gritos de loucura
E onde muitos estão no mesmo nível
De indignação, desgraça e desventura,
É onde vive sofrendo a classe pobre
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
Onde nunca tem certo o dormitório
É sujeito e explorado com rigor
Pela feia trapaça do finório
É o inferno, em plano inferior,
Mas acima é que fica o Purgatório,
Que apresenta também sua comédia
E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,
Porém seus habitantes é preciso
Simularem semblantes de prazer,
Transformando a desdita num sorriso.
E agora, meu leitor, nós vamos ver,
Mais além, o bonito Paraíso,
Que progride, floresce e frutifica,
Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,
Onde reina a coroa da potência.
O Purgatório ali tem que render
Homenagem, Triunfo e Obediência.
Vai o Inferno também oferecer
Seu imposto tirado da indignação,
Pois, no mastro tremula, a todo instante,
A bandeira da classe dominante.

É o Inferno o teatro do agregado
E de todos que vivem na pobreza,
Do faminto, do cego e do aleijado,
Que não acham abrigo nem defesa
E é também causador do triste fado
Da donzela repleta de beleza
Que, devido à cruel necessidade,
Vende as flores de sua virgindade.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto
Sente a pobre mendiga pela rua!
O retrato da dor no próprio rosto,
Como é dura e cruel a sorte sua!

Com o corpo mirrado e mal composto,
 A coitada chorosa continua
 A pedir, pelas praças da cidade:
 “Uma esmola, senhor, por piedade!”

Para que outro estado mais precário
 Do que a vida cansada do roceiro?
 Sem gozar do direito do salário,
 Trabalhando na roça o dia inteiro,
 Nunca pode ganhar o necessário,
 Vive sempre sem roupa e sem dinheiro,
 E, se o inverno não vem molhar o chão,
 Vai expulso da roça do patrão.

Como é triste viver sem possuir
 Uma faixa de terra para morar
 E um casebre, no qual possa dormir
 E dizer satisfeito: “este é meu lar”.
 Ninguém pode, por certo, resistir
 Tal desgraça na vida sem chorar.
 Se é que existe inferno no outro mundo
 Com certeza, o de lá é o segundo!

Veja bem, meu leitor, que quadro triste,
 Este inferno que temos nesta vida,
 O sofrimento atroz dele consiste
 Em viver sem apoio e sem guarida.
 Minha lira sensível não resiste
 Descrever tanta coisa dolorida
 Com as rimas do mesmo repertório,
 Quero um pouco falar do Purgatório

Purgatório da falsa hipocrisia,
 Onde vemos um rosto prazenteiro
 Ocultando uma dor que o excrucia
 E onde vemos também um cavalheiro
 Usar terno de linda fantasia,
 Com o bolso vazio de dinheiro:
 Pra poder trajar bem, até se obriga
 Dar, com jeito, uma prega na barriga.

Purgatório infeliz do desgraçado,
 Que trabalha e faz tudo o que é preciso
 No comércio, lutando com cuidado,
 Com desejo de entrar no Paraíso,
 Porém quando termina derrotado,
 Fracassado, com grande prejuízo,
 Desespera, enlouquece, perde a bola
 E no ouvido dispara uma pistola.

Ali vemos um gesto alegre e lindo
 Disfarçando uma dor, uma aflição,
 Afirmando gozar prazer infundo
 De esperança, de sonho e de ilusão.
 Mas, enquanto esses lábios vão sorrindo,
 Vai chorando, no peito, o coração.
 É um mundo repleto de amarguras,
 Com bastante aparência de venturas.

Veja agora leitor que diferença

Encontramos no lindo Paraíso:
 O habitante não fala de sentença
 Tudo é paz, alegria, graça e riso.
 Tem remédio e conforto, na doença
 E, se a morte lhe surge, de improviso,
 Quando morre inda deixa por memória
 Uma lousa, contando a sua glória.

Neste reino, que cresce e que vigora,
 Vive a classe feliz e respeitada,
 Tem tudo o que quer, a toda hora,
 Pois do belo e do bom não falta nada,
 Tem estrela brilhante e linda aurora,
 Borboletas azuis, contos de fada
 E, se quer gozar mais a vida sua,
 Vai uns dias passar dentro da lua.

O Paraíso e o ponto culminante
 De riqueza, grandeza e majestade,
 Ali o homem desfruta ouro e brilhante,
 Vive em plena harmonia e liberdade,
 Tem sossego, conforto e tem amante,
 Tudo quanto há de bom tem à vontade
 E a mulher, que possui corpo de elástico,
 Para não ficar velha, vai ao plástico.

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
 Pobres, médios e ricos potentados,
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.
 Não são versos com ouro burilados,
 São singelos, são simples, sem beleza,
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
 Com certeza, verdade e muito siso,
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso. (ASSARÉ, 1978, p. 43-47)

Leonardo Bastião, também atua em defesa de seu segmento social, trazendo nas suas poesias associações com algumas classes da sociedade, a exemplo da classe pobre, a qual o poeta sempre pertenceu e pagou as duras penas por ser vítima do descaso social: “Meu livro é a natureza/ Que escola pra mim não tinha/ Podia a culpa ser minha/ Mas eu botei na pobreza/ Que o tempo é uma riqueza/ Que eu não pude aproveitar/ Me criei sem estudar/ E a natureza mostro/ Que a boniteza da flô[...]” (BASTIÃO, 2018 p. 12). É notório o sentimento de pertencimento com suas raízes, com tudo aquilo que ceifou a infância do aedo, mas não o traumatizou e sim deu forças para continuar na lida: “Foi nesse chão destruído/ Onde eu nasci e morei, / Minha infância foi tão ruim/ Que ainda não encontrei/ Mas acho que aqui tem noda/ Das lágrimas que derramei” (BASTIÃO, 2018 p. 22). As condições nada favoráveis entristeceram o poeta, que fez de sua arte ferramenta de superação social, como bem podemos analisar a partir de algumas estrofes do poema “Minha Infância”:

Me criei numa casinha
 Numa pobreza danada

Minha mãe não tinha nada
 E o meu pai também não tinha
 Lutou a vida todinha
 Morreu e não conseguiu
 E o suor que ele istruuiu
 Ficou naquele lugá
 Que a sorte nunca foi lá
 Nem a pobreza saiu.
 [...]

Fui vítima do sofrimento
 Que o fi do pobre se ferra
 Fui obrigado da terra
 Tirar meu próprio alimento
 A riqueza era um jumento
 E a casa era uma latada
 A escola era uma inxada
 E eu tenho a maior certeza
 Que a cancela da pobreza
 Foi quem fechou minha istrada. (BASTIÃO, 2018 p. 24)

No tocante a riqueza, Bastião tem uma concepção bem diferente do que a sociedade capitalista enxerga sobre o conceito. Para ela a riqueza não está atrelada aos bens materiais, isso não lhe traz felicidade, riqueza estando associado na visão do poeta à bem estar espiritual, sossego e acomodação junto ao meio que o cerca, vejamos: “Eu comecei trabalhar/ Com oito anos de idade/ Quem olhar pra minha mão/ Vê a minha faculdade, / Já me acostumei assim/ Riqueza também é ruim/ Faltando felicidade” (BASTIÃO, 2018 p. 26). O sentimento de gratidão é muito presente nos poemas do poeta pernambucano, que para ele o dom da vida, sem imperfeições físicas e o gozo de plena saúde, isso sim é sinônimo de opulência, sua produção poética está intimamente ligada com os dogmas religiosos, em que o mesmo sempre agradece as graças do soberano em sua vida, como podemos notar no poema “Orgulho do Ventre da Poesia”:

Agradeço a Deus por ter nascido
 Sem ser cego já foi uma riqueza
 E o meu livro eu tirei da natureza
 E aprendi muita coisa sem ter lido
 Oíço voize dizer no meu ouvido
 Que a beleza do verso é Deus que ensina
 Quando vejo uma chuva muito fina
 E uma lista sair por detrás dela
 Imagino que é Deus que vem com ela
 Aguando a cultura nordestina. (BASTIÃO, 2018, p. 74)

Ambos os poetas tiveram em sua trajetória fortes influências do elemento religioso, que exerce grande autoridade em suas produções, pois conforme a tradição popular religiosa é Deus quem atribui os dons do espírito a humanidade, e o dom da poesia sendo assim um

atributo divino para com os poetas pesquisados. Patativa esboça em seus poemas a ligação social através dos ensinamentos de Cristo:

Nasci dentro da pobreza
 E sinto prazer com isto
 Por ver que fui com certeza
 Colega de Jesus Cristo
 Perdi meu olho direito
 Ficando mesmo imperfeito
 Sem ver os belos clarões.
 Mas logo me conformei
 Por saber que assim fiquei
 Parecido com Camões. (CARVALHO, 2009, p. 54)

Conforme Carvalho (2009) ao indagar Patativa sobre as origens de sua preocupação social, o poeta cearense afirma que foi um leitor assíduo das pregações de Jesus Cristo e sempre via que eram ressaltados os direitos humanos, a liberdade, a verdade e a justiça social. Patativa afirmava que dizia sem pedir segredo, que sempre foi um poeta do povo, a partir dos ensinamentos de Cristo ele deu alento a sua produção poética dentro da verdade e da justiça social. Certa vez ao ser indagado sobre seu sincretismo religioso, Patativa ressalta: “Não! Nunca. Sempre fui um católico por causa do meu jeito, acreditando nas pregações de Cristo e também nas obras da criação” (CARVALHO, 2009, p. 73).

Leonardo Bastião também ressalta sua ligação com a religião, estando atrelado ao catolicismo, que desde sua infância foi guiado por sua família a frequentar a igreja e receber os sacramentos. A igreja é para o poeta elemento de muito respeito, e o padre uma figura santa que administra essa ordem, como bem podemos observar no poema “Em Frente à Igreja”:

Eu resolvi a fazer
 Um verso com essa igreja
 Que o povo daqui deseja
 Um milagre acontecer
 Sou católico e tem prazer
 De assistir missa nela
 E essa boniteza dela
 De Itapetim vale a pena
 E padre Ademar de Lucena
 Foi quem mais zelou por ela. (BASTIÃO, 2018, p. 50)

O poeta Itapetinense, coloca em sua fé um elemento de força que o faz seguir firme em sua jornada. O aedo reconhece suas fraquezas junto à divindade, mas enxerga em Jesus

fonte de perdão e misericórdia, que não deixa seus filhos padecerem mesmo diante as ingratidões terrenas. Ainda no poema “Em Frente à Igreja”, o mesmo elucida:

Não sei como é que resisto
Sem nunca andar na igreja
Bendito e louvando seja
Nosso senhor Jesus Cristo
Missa no rádio eu assisto
Sou católico e acompanho
Mas mesmo assim sendo estranho
Deus me dá água e comida
Sou uma ovelha perdida
Mas não esqueço o rebanho. (BASTIÃO, 2018, p. 50)

Leonardo um típico arauto, analfabeto e desprovido de bens materiais, através da oralidade sempre escutou as histórias bíblicas contadas pelos companheiros e apreciadas durante as homilias, sua fé é elemento inabalável, todavia o mesmo acredita que a igreja somos nós, e a difusão dos elementos bíblicos pode acontecer por outros meios que não necessariamente exijam a presença dos fieis nos templos.

Patativa aborda a história original da criação em sua literatura, o poeta cearense não tem escritos em versos fesceninos, que são atribuídos em linguagem lasciva e licenciosa e tiveram origem na cidade de Fescênia, Itália. O aedo de Assaré coloca em xeque o conceito de pecado original cometido pelos personagens bíblicos, como bem podemos checar em algumas das estrofes em decassílabo do poema “Filosofia de um Trovador Sertanejo”:

No mêrmo tempo que deus
Fez o céu, o má, e o chão,
Faz tombém de barro um home,
Que é justamente esse adão;
Ele era um belo vivente,
Santo fié, inocente,
Mas depois foi treçoêro,
Fez uma grande desorde,
Pruquê não cumpriu as orde
Do nosso deus verdadêro.

Por essas causa, no mundo
Sofre o grande e o pequenino,
Eu inté fico abusado,
Seu dotô, quando magino
Em adão, esse marvado
Sacudí nós no pecado,
Podendo nós tá inocente!
Mas não tem jeito que dá,
O jeito é nós perdoá,
Pruque deus perdoa a gente.
[...]
Daquele ossinho pequeno
Num momento deus fez eva,

Pois pra fazê qualquer coisa
 Munto tempo deus não leva;
 Aquele artista profundo
 Fez aquilo num segundo,
 Sem nunca tê estudado;
 Entonce, adão acordou,
 E quando se levantou,
 Eva já tava dum lado.

Morando no paraíso,
 Adão com eva ficou,
 Aquele santo casá
 Feito por nosso senhô;
 Satisfeito eles vivia
 Pruquê de tudo eles via
 Uma fartura sem fim;
 Sem trabaio e sem cansêra,
 Toda sorte de fruitêra
 Tinha naquele jardim.

Mas entre as fruitêra boa
 Havia a da triste sorte,
 Que quem comesse o seu fruto
 Ficava sujeito à morte.
 Se eva e adão percisava,
 Dos ôtos todos tirava
 E comia se fartá;
 Mas daquele não comia.
 Pruquê comendo, fazia
 Grande pecado mortá.

Esse fruto do pecado
 Parece que tinha um quê,
 Que a gente vendo, ficava
 Com vontade de comê.
 Seu dotô, eu não sei não,
 Mas faço avaliação
 Que aquele fruto dali
 Agradava a nosso orfato,
 Como essa fruta do mato
 Que o povo chama piqui.

Deus pediu a adão e a eva
 Que eles nunca se esquecesse:
 Comesse dos ôto todo,
 Mas aquele não comesse,
 Pruquê se adão não uvisse,
 E um dia nele bolisse,
 Vinha fome, peste e guerra
 Pra castigá sua raça,
 E tudo que era desgraça
 Aparecia na terra.
 [...]

Eu sei que adão é curpado
 E no pecado caiu,
 Mas porém não foi por gosto,
 Foi praque eva inludiu;
 Apois ela, seu dotô,
 Foi quem premêro porvou
 Do fruto da perdição

Quebrando a santa premissa,
 E o povo, quando convessa,
 Só bota a curpa em adão. (ASSARÉ, 2003, p. 97-101)

Como de costume, Patativa na maioria das vezes sempre se apegava ao recurso da ironia e sarcasmo em seus versos, e com as estrofes anteriores não foi diferente. O poeta lamenta pelo erro de Adão, mas também atribui à culpa à Eva como incentivadora da atitude pecaminosa. O ser humano também tem que usar de sua consciência para perdoar as atitudes dos personagens bíblicos. O poeta da Serra de Santana ainda elenca o ofício artístico de Deus através do milagre da criação, sendo essa a filosofia do trovador sertanejo, que agrega uma série de elementos teológicos ao seu contexto, e com olhar de alteridade concebe este célebre poema.

Patativa ainda se sensibiliza com as crianças abandonadas. Os esquecidos pela sociedade são tratados como indigentes junto ao meio social. Patativa dá as mãos a essa classe social através de sua poesia, não é à toa que escreve “Menino de Rua” poema esse que esclarece as duras procelas enfrentadas pelo menor abandonado que vaga sem casa e sem pão a esmo diante a cidade, sem perspectiva alguma de futuro.

Patativa elenca que a única solução para quem se encontra em tal penar seria as vias do estudo, do acolhimento escolar, dos lares para órfãos, todo um emaranhado que estava distante da realidade da época, mas que na contemporaneidade já se nota políticas públicas nesse sentido. Aqui ressaltamos mais uma vez que o cearense de ouro foi o Antônio Gonçalves, um homem que virou pássaro e sempre manteve olhares a frente de sua época. Vejamos o poema em questão:

Menino de Rua, garoto indigente
 Infante Carente,
 Não sabe onde vai
 Menino de Rua, assim maltrapilho
 De quem tu és filho
 Onde anda o teu pai?

Tu vagas incerto não achas abrigo
 Exposto ao perigo
 De um drama de horror
 É sobre a sarjeta que dormes teu sono,
 No grande abandono
 Não tens protetor

Meu Deus! Que tristeza! Que vida está tua
 Menino de Rua,
 Tu andas em vão
 Ninguém te conhece, nem sabe o teu nome
 Com frio e com fome
 Sem roupa e sem pão

Ao léu do desprezo dormes ao relento
 O teu sofrimento
 Não posso julgar,
 Ninguém te auxilia, ninguém te consola,
 Cadê tua escola,
 Teus pais teu lar?

Seguindo constante teu duro caminho
 Tu vives sozinho
 Não és de ninguém
 Às vezes pensando na vida que levas
 Te ocultas nas trevas
 Com medo de alguém

Assim continuas de noite e de dia
 Não tens alegria
 Não cantas nem ri
 No caos de incerteza que o seu mundo encerra
 Os grandes da terra
 Não zelam por ti

Teus olhos demonstram a dor, a tristeza,
 Miséria, pobreza
 E cruéis privações
 E enquanto estas dores tu vives pensando,
 Vão ricos roubando
 Milhões e milhões

Garoto eu desejo que em vez deste inferno
 Tu tenhas caderno
 Também professor
 Menino de Rua de ti não me esqueço
 E aqui te ofereço
 Meu canto de dor. (CARVALHO, 2020, p. 206-207)

Podemos constatar a preocupação dos poetas populares com relação as minorias, ambos os trovadores com suas atitudes particulares esmiuçaram o que pensam sobre os menos favorecidos, e quais seriam as eventuais soluções para mitigar esses casos. Partiremos agora para pontuar os domínios políticos supostamente mencionados em suas respectivas produções poéticas.

3.3 Arte poética e contestação política

O Nordeste e conseqüentemente o nordestino sempre obtiveram destaque, entretanto também são vítimas do preconceito social, já que a mídia na maioria das vezes associa a pobreza com a região Nordeste, obnubilando suas riquezas econômicas e culturais. “O Nordeste continua sendo uma realidade aguda, capaz quase de falar por si, capaz de estremecer as consciências nacionais. Era o avesso do que se queria para o povo, para o país e

para a humanidade.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 312). Conforme a citação de Durval Muniz, o Nordeste sempre foi um espaço que atribui queixumes direcionados aos governantes, por ser uma região esquecida. O autor conclama por novos olhares para sua região, não olhares de piedade e promessas vazias, mas sim olhares de atuação e obras, projetos realizados para a mitigação do cenário de seca que tanto assola esse espaço.

Patativa era a voz do seu povo e através de sua arte em certa oportunidade vendo os descasos operacionais por parte do poder municipal com sua cidade, fez o poema célebre “Prefeitura Sem Prefeito”, vindo a ser hostilizado e até mesmo censurado pelos chefes da época. No entanto, nem mesmo quando foi detido, sua voz se calou, chegando a ser levado para delegacia, onde percebe a presença da ave patativa presa em uma gaiola, pertencendo ao delegado que tinha um apreço especial pela mesma.

Patativa descontente
 Nessa gaiola cativa
 Embora bem diferente
 Eu também sou Patativa
 Linda avezinha pequena
 Temos o mesmo desgosto
 Sofremos da mesma pena
 Embora em sentido oposto
 Meu sofrer e meu penar
 Clamam a divina lei
 Tu presas para cantar
 Eu preso porque cantei. (CARVALHO, 2009, p. 40-41)

Logo correram os boatos da prisão de Antônio Gonçalves. Os mandatários temendo uma repercussão negativa da mídia, resolveram libertar o poeta assareense, tudo não passou de um susto com a pretensão de intimidar o aedo de Serra de Santana. Vejamos uma das décimas que levaram o trovador cearense à delegacia:

Nesta vida atroz e dura
 Tudo pode acontecer,
 Muito breve há de se ver
 Prefeito sem prefeitura;
 Vejo que alguém me censura
 E não fica satisfeito,
 Porém, eu ando sem jeito,
 Sem esperança e sem fé,
 Por ver no meu Assaré.
 Prefeitura sem prefeito. (CARVALHO, 2020, p. 96)

Leonardo Bastião também segue a mesma linhagem poética e crítica do Patativa, levando a mensagem do seu povo e externalizando o que pensa sobre as causas sociais e apontando medidas que podem ser feitas para que haja melhorias no Nordeste e no país como

um todo, vejamos: “O Brasil só vai prestar/ Quando um dia aparecer/ Quem crie umas leis pesada/ Pra o criminoso temer/ E aí salvava as pessoas/ Que morre sem merecer” (BASTIÃO, 2018, p. 101).

Leonardo em sua obra *Minha Herança de Matuto* (2018), não expõe partidatismo político, todavia, compreendesse que o poeta esteja do lado das minorias, por fazer parte desse conjunto. O Itapetinsense alega melhorias políticas da era passada para a contemporaneidade. Segundo ele, os governantes já têm um olhar de clemência com as classes menos favorecidas e essa suposição se assegura baseado no fenômeno das secas, que antes causavam grandes estragos nos sertões. Hoje, segundo Leonardo, o auxílio dos poderes políticos já ameniza muito os estragos causados pela estiagem, conforme podemos analisar no poema “A Seca de 70”: “As seca era antigamente/ Que as de hoje a gente aguenta, Que o governo da imprego/ Cava poço e aposenta/ Quem chama isso de seca/ Se esqueceu de setenta” (BASTIÃO, 2018, p. 30). Conforme podemos observar, a aposentadoria é um marco na vida social do camponês, lhe garantindo o mínimo de integridade para superar as procelas do dia a dia.

Na década de XX, Leonardo expõe que as dificuldades eram bem mais severas. Não existia olhares de clemência por parte dos governantes, as mudanças sociais ainda não haviam atingido a sociedade rural, o sertanejo carecia migrar para o sul em busca da sobrevivência. Com Bastião não foi diferente em 1970, época do coronelismo, do trabalho em regime de semiescravidão, em que os cassacos eram obrigados a doarem seus esforços em troca do próprio alimento, em condições deploráveis, subumanas, à mercê de seus carrascos patrões, diante desse contexto Bastião se ver forçado a migrar de sua região, como bem ressalta:

Deixei mulé, fí e filha
Sem imprego e sem inverno
E passei três meis no inferno
Sendo servente em Brasília
Porque longe da família
A solidão arrebenta
É quando a saudade inventa
De fazê o que fez comigo
Em mil palavra eu não digo
O que eu sofri em setenta. (BASTIÃO, 2018, p. 31)

Em Patativa do Assaré é mais evidente sua associação política, sua participação é engajada. De acordo com Carvalho (2009) ao indagar Patativa se o poeta fez parte de algum partido político, o mesmo afirma que não, muito embora ressalte que teve muita responsabilidade em suas escolhas. O cearense afirma que inclusive já apoiou candidatos a exemplo de Tasso Jereissati (1948-1963), a quem tece a seguinte homenagem: “Camponeses meus irmãos/ E operários da cidade/ É preciso dar as mãos/ E gritar por liberdade/ Em favor

de cada um/ Formar um corpo comum/ Operário e camponês/ E todos no mesmo abraço/
Votar no doutor Tasso/ Candidato de vocês” (CARVALHO, 2009, p. 33). O cearense também foi simpatizante dos ideais do PT (Partido dos Trabalhadores), durante as candidaturas de Lula (1945-) que antecedem 2002.

No entanto, o poeta de Assaré mantinha diálogos com as classes políticas de linhagem esquerdistas, por apresentar viés social em defesa do proletariado, mas também agradava a direita, por falar das tradições, da família e da religião. Conforme Patativa:

Eu... me sinto muito bem, porque de ambas as partes eu tenho, eu recebo a maior atenção e muito elogio. Por logo, eles sabem que eu sou um caboclo bem honesto, amigo da verdade... [engasga-se] e nunca fui um poeta lisonjeiro, não! Todos eles sempre apoiam, porque eu sempre estive ao lado do povo [Patativa solicitou ao governador Tasso a solução para o problema de abastecimento d'água de Assaré, resolvido com a construção do açude de Canoas, inaugurado em 1999. (CARVALHO, 2009, p. 75)

A preocupação social é a marca célebre de Patativa, como bem podemos observar na citação anterior. A construção do açude de Canoas, localizado a cerca de 10 quilômetros da zona urbana de Assaré, foi fruto do diálogo entre o trovador cearense e o governador da época, Tasso Jereissati, que em certa oportunidade ao conversar com Patativa lhe indaga sobre o que o poeta desejava receber de presente. O mesmo sempre teve uma consciência de classe em prol da coletividade e falou que ambicionava a construção de um açude na sua região que padecia devido os longos períodos de estiagem, e assim foi feito o açude de Canoas.

Patativa vivenciou o período ditatorial, mas nunca curvou a cabeça para as injustiças mesmo nessa época. Pelo contrário, o mesmo utilizou da ferramenta da artística, para denunciar o que acontecia, quase foi preso em 1966, devido seu poema “Caboclo Roceiro”, publicado no jornal *Folha de Juazeiro*, que foi censurado pelos mandatários da época, que inclusive intimaram o poeta cearense a prestar explicações sobre a publicação.

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte
Que vive sem sorte, sem terra e sem lar
A tua desdita é tristonho que canto
Se escuto o meu pranto me ponho a chorar

Ninguém te oferece um feliz lenitivo
És rude e cativo, não tens liberdade
A roça é teu mundo e também tua escola
Teu braço é a mola que move a cidade

De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça de enxada na mão

Julgando que Deus é um pai vingativo
Não vês o motivo da tua opressão

Tu pensas, amigo, que a vida que levas
De dores e trevas debaixo da cruz
E as crises constantes, quais sinas e espadas
São penas mandadas por nosso Jesus

Tu és nesta vida o fiel penitente
Um pobre inocente no banco do réu
Caboclo não guarda contigo esta crença
A tua sentença não parte do céu

O mestre divino que é sábio profundo
Não faz neste mundo teu fardo infeliz
As tuas desgraças com tua desordem
Não nascem das ordens do eterno juiz

A lua se apaga sem ter empecilho
O sol do seu brilho jamais te negou
Porém os ingratos, com ódio e com guerra
Tomaram-te a terra que Deus te entregou

De noite tu vives na tua palhoça
De dia na roça, de enxada na mão
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo
Tu és meu amigo, tu és meu irmão. (ASSARÉ, 1978, p. 99-100)

“Caboclo Roceiro” retrata justamente a vivência de hostilidade sertaneja associada às dificuldades sociais. Em contraponto, esboçando a sagacidade do campesino para sobressair-se ante as barreiras impostas, a paciência do roceiro sempre confiando que a atuação da divindade em suas vidas trará melhorias. No entanto, Patativa esclarece que o cenário de horror, não é culpa da instancia divinal, e sim consequência dos descasos administrativos governamentais.

4 A ARTE POÉTICA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

As relações sociais são o contexto chave de toda a obra de Patativa, um poeta social como o mesmo se codinominava, sempre em defesa de sua gente e dando voz aos oprimidos da comunidade de Serra de Santa em micro escala e do Nordeste em macro escala, evidenciando a desconstrução da ideia de que o Nordeste não é lugar de fala, mas, sim de sofrimento e dores. Pelo contrário, o Nordeste é região de fala sim, e através desta os poetas transmitem suas queixas, dores, alegrias, mágoas dentre tantos outros mistos de sentimentos para o mundo.

O cearense sempre foi atento ao seu meio, foi bravo em suas lutas e audacioso em suas decisões, sempre em defesa da justiça e da liberdade. Foi um “pássaro-poeta” que decantou as dores e lamentos de seu povo, em busca sempre de melhorias, de projetos que favorecessem sua comunidade. O aedo quando indagado sobre as mudanças que ocorreram na década 1909 até o século XXI, por ser um poeta quase secular, esclarece:

[...] Ah, mudou muita coisa viu? Mudou muita coisa porque em tudo por tudo. Até o cinema e tudo. Naquele tempo nós não tínhamos o cinema falado. E mudou tanta coisa que, finalmente, a gente não pode dizer nem o que mudou e o que não mudou e o que ainda está. O que ainda está é a ilusão do povo, cada um procurado uma melhora, apoiado na esperança e vivendo, viu? Porque isso sempre houve e há de haver. (CARVALHO, 2009, p. 106)

O soneto “O Peixe” nos traz uma mensagem muito profunda de alerta e conscientização política, ressaltando a ingenuidade do camponês no período de campanha eleitoral que é fisgado pelos anzóis da corrupção, trocando seu voto por mixarias e depois pagando as duras penas de eleger um indivíduo mesquinho e traiçoeiro, que o tratará como produto, os currais eleitorais dos pobres matutos do sertão do norte, bem quistos durante todo o processo eleitoral, sendo depois escanteados para a sarjeta da sociedade, vejamos o soneto:

Tendo por berço o lago cristalino,
Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.

Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.

O camponês, também, do nosso Estado,
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte.

Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do Norte! (ASSARÉ. 2003, p. 202)

Outro belíssimo soneto é “O Que Mais Dói”, que reafirma as injustiças sociais e endossa a falta conscientização política da sociedade ao depositar sua confiança em asseclas. Esse soneto é atual na sua linguagem, reflete inclusive a situação atual que o Brasil enfrenta, parece até que foi escrito recentemente. É esse o poder de Patativa de sobrevoar o universo da existência e colocar a sua arte sempre a disposição de um povo, sempre ao lado de sua gente, reafirma que “o que mais dói” não é a perda de um amigo, as dores de um ex-amor, a saudade dos tempos áureos juvenis.

O que causa dor e agonia é a opressão, a retirada de direitos, o descaso operacional com a população, tudo isso é sinal de sofrimento físico e existencial. No entanto, carregamos parcelas de culpa por tão grande perecimento, já que fomos enganados pelo poder das massas, e hoje estamos pagando às duras penas, mas as dores de hoje serão superadas através da conscientização, e em um futuro breve serão apenas lembranças vitoriosas de um passado hostil, vejamos o soneto em modelo petrarquiano na íntegra:

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

O que mais dói e o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

É ver os votos de um país inteiro,
Desde o pracião ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau. (ASSARÉ. 2003, p. 198)

Leonardo Bastião também desenvolve uma relação muito íntima com sua terra, com suas raízes particulares. Porém, o mesmo em relação à Patativa é mais estático e conformado com os cenários apresentados. As melhorias que já aconteceram ao longo das décadas para ele já são bem quistas, o pernambucano é subserviente a sua terra:

Eu comecei a andar

No ano quarenta e seis
 E no ano cinquenta e três
 Eu fui pra roça prantar
 Só aprendi a falar
 Tem hora que a língua emperra
 E quando começa se ferra
 O peso aumenta no fim
 E a minha vida é assim
 E o meu patrão é a terra. (BASTIÃO, 2018, p. 24)

Leonardo reflete as duras penas que enfrentou na sua meninice, e ver naturalidade nas mudanças sociais que mesmo em pequena escala, mas comparado a época que o poeta veio ao mundo o desenvolvimento já é marcante, “A minha vida é assim/ Quando eu nasci foi pió/ Meu berço foi um balaio/ Feito pela minha avó/ Que além de fazer mal feito/ Não descascava o cipó” (BASTIÃO, 2018, p. 25). O atraso de sua época é evidente, mas Bastião reconhece a transformação da sociedade e julga que muitos setores já alcançaram melhorias.

Leonardo lamenta não ter conseguido estudar. Para o poeta, o caminho para a transformação social está intimamente ligado ao universo das letras. Esse universo que aponta os meandros de nossa existência é uma chama que ilumina nossa vida, nos capacitando e dando consciência de que itinerários seguir, quais escolhas desempenhar. Quem não conseguiu trilhar pelo caminho da leitura para o aedo Itapetinese causou em sua vida um apagão no futuro, como bem esclarece no decassílabo:

E o estudo foi e é
 Uma porta de saída
 Uma luz que ilumina a vida
 Onde a pessoa tivé
 Quem não estudou deu fé
 Que o camim ficou escuro
 E essa diferença eu juro
 Que o tempo passa e num tira
 E são essas coisa que vira
 Um apagão no futuro. (BASTIÃO, 2018, p. 26)

Como bem podemos constatar nesse tópico a poética de Patativa e Leonardo busca através da conscientização instruir a sociedade na busca de transformações que possibilitem melhores condições de vida e engajamento político e social com o seu meio. Os aedos em questão são tidos como intelectuais orgânicos na conceituação gramsciana, e professam através de seus poemas valorosos ensinamento para sua gente.

4.1 A denúncia das injustiças e das desigualdades sociais

Conforme Gramsci (2001) com ausência de uma organização cultural não há possibilidade de haver uma real sociedade civil. O conceito de sociedade civil para o filósofo italiano está associado a um emaranhado de organismos sociais, em que a luta de classes esteja aliada a atitudes democráticas e políticas possibilitando assim uma convivência pautada no diálogo entre o estado e os ramos culturais.

Patativa e Leonardo, poetas sociais, um com maior engajamento o outro em processo de conscientização permanente, mas do seu modo denunciando através da arte as injustiças e lutando sempre pela igualdade social. Seriam eles dois intelectuais orgânicos conforme a conceituação gramsciana? Conforme Coutinho (2011, p. 17):

Com a emergência da sociedade civil e de sua organização cultural, os intelectuais ligam-se predominantemente às suas classes de origem ou de adoção -, por meio delas, a sociedade como um todo – através da mediação representada pelos aparelhos “privados” da hegemonia. [...] Sem necessariamente perder sua autonomia e sua independência de pensamento, o “intelectual orgânico” tem uma maior consciência do vínculo indissolúvel entre sua função e as contradições concretas da sociedade.

Lendo a poesia desses dois poetas populares objetos dessa pesquisa, cultura não é uma atitude diletante, ou seja, a condição de poeta de cada um não está cindida da condição de agricultores que permeia cada aedo. A sintonia entre o fazer intelectual com a condição social de cada um é que poderia constituir eles como intelectuais orgânicos. Para Gramsci todo indivíduo é “filósofo”, entretanto alguns não desenvolvem atitudes intelectualizadas junto à sociedade, “[...] é preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são filósofos, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea” [...]” (GRAMSCI, 2011, p. 128).

Para Gramsci existem dois tipos de intelectuais, o orgânico descrito anteriormente e o tradicional ou cooptado, esse último estando sempre a fazer apologia indireta da estrutura social dominante elegendo aquilo que segundo sua óptica é esteticamente mais adequado. Para Nogueira (2017, p. 33-34):

Para Gramsci, aqueles eram basicamente os intelectuais ainda presos a uma formação socioeconômica superada, como o clero e os acadêmicos, ou seja, homens eruditos e enciclopédicos que se mantinham isolados em abstratos exercícios cerebrais, sempre alheios à própria história. Com seu saber livresco, os intelectuais tradicionais consideravam-se superiores e independentes, acima das classes e das adversidades do mundo. Os intelectuais orgânicos, por sua vez, são formados no interior das classes sociais e estão conectados ao mundo do trabalho, às

organizações políticas e culturais de determinado grupo. Segundo o filósofo italiano, esses intelectuais assumem a função de representar uma classe e de conscientizá-la, dessa forma, mantêm-se ligados a uma classe social, atuando como seu porta-voz.

Intelectualidade nem sempre está ligada ao fator acadêmico. No caso dos objetos dessa pesquisa, a intelectualidade aflorou na vida dos poetas de maneira natural, a partir das vivências de cada um, principalmente Leonardo Bastião que não tem instrução alguma de alfabetização. Todo o seu conhecimento é prático, todos os seus versos são desenvolvidos oralmente: “No banco da poesia/ Eu não peço explicação/ Boto poesia e tiro/ Rima métrica e oração/ Que a senha eu tem na memória/ E eu mesmo sou o cartão.” (BASTIÃO, 2018, p. 65).

O engajamento intelectual desses poetas contribui para a organização cultural, através de agremiações, academias e até mesmo parcerias firmadas com o poder público, tudo isso contribuindo e muito para o desenvolvimento da sociedade civil. A unicidade torna o campônio engajado em sua luta, a construção de sindicâncias, todo esse emaranhado dá alento para a reivindicação de melhorias para sua categoria, espaço tempo e matéria são os três pilares que alicerçam a organicidade social e cultural. Conforme Coutinho:

[...] Tudo isso amplia o campo da organização material da cultura; uma ampla e muitas vezes fecunda batalha das ideias começa a ter lugar entre nós. Há um acentuado empenho social da intelectualidade, um maior comprometimento com as causas populares e nacionais. (COUTINHO, 2011, p. 27)

Patativa e Leonardo são bem maiores que qualquer maniqueísmo reducionista, isso vale apenas ser ressaltados, nem reis, nem monarcas, apenas poetas populares dotados de consciência política. O assareense arauto, participou efetivamente da campanha pela anistia e pelas Diretas-Já, onde improvisou em palco aberto seu grito de liberdade, como bem podemos conferir no trecho do poema “Inleição Direta 84”:

Bom camponês e operaro
A vida tá de amargá
O nosso estado precaro
Não há quem possa aguentá
Neste espaço dos vinte ano
Que a gente entrou pelo cano
A confusão tá compreta
Mode a coisa miorá
Nós vamo bradá e gritá
Pela inleição direta.

[...]

Nestes versos que rimei
Disse apenas a verdade
Eu aqui não afrontei
A nenhuma oturidade

Quem fala assim desse jeito
 Defendendo os seus direitos
 Todos já sabem quem é
 É um poeta do povo
 Velho de coração novo
 Patativa do Assaré. (ASSARÉ, 2001, p. 57 e 62)

No poema anteriormente citado, Patativa faz a inclusão de todas as classes sociais, todos juntos em prol de uma missão comum, eleger um representante do povo, vindo do povo, e que atue em favor dos menos favorecidos: o papel dos partidos políticos que estejam associados com as ligas camponesas, com as sindicâncias, os trabalhadores unidos em favor de um ideal comum. Conforme Gramsci:

[...] Por isso, pode-se dizer que os partidos são os elaboradores das novas intelectualidades integrais e totalitárias, isto é, são o crisol da unificação da teoria e prática entendida como processo histórico real; e compreende-se, assim, como seja necessária que a sua formação se realize através da adesão individual e não ao modo “laborista”, já que se trata de dirigir organicamente “toda massa economicamente ativa” – deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando; a esta inovação só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita na atividade humana já se tenha tornado, em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida. (GRAMSCI, 2011, p. 138-139)

Patativa sempre atribui valores e direitos há quem os merece, lutou pela divisão dos bens sociais, sempre se identificou com os preceitos do comunismo, foi um socialista de coração e teve contato com a produção de alguns autores que escreveram sobre a temática a exemplo de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Patativa foi um defensor da reforma agrária, da redistribuição da estrutura fundiária, um bem comum que deve ser cultivado pela sua gente, e havendo equidade o sofrimento do sertanejo será diminuído, não tendo o mesmo mais que plantar de meia para seu patrão, não é à toa que Patativa compôs o soneto “Reforma Agrária”:

Pobre agregado, força de gigante,
 Escuta amigo o que te digo agora,
 Depois da treva vem a linda aurora
 E a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo todo instante,
 Minha alma triste desolada chora
 Quando te vejo pelo mundo afora
 Vagando incerto qual judeu errante.

Pra saíres da fatal fadiga,
 Do horrível jugo que cruel te obriga
 A padecer situação precária

Lutai altivo, corajoso e esperto
 Pois só verás o teu país liberto
 Se conseguires a reforma agrária (ASSARÉ, 2005, p. 197)

Patativa deseja ver o operário liberto de toda exploração patronal, seguindo o seu caminho, guiado pela sua própria vontade, conseguindo o suficiente para manter sua família com dignidade, colher os frutos da terra que é sua e comercializar tudo aquilo que planta, saindo assim de uma agricultura de subsistência para uma agricultura cooperativa em que a sociedade participe da cadeia produtiva, comprando ao homem do campo alimentos de qualidade e impulsionando a economia local, causando assim uma grande transformação social a médio e longo prazo.

4.2 Possíveis aproximações entre as ideias de Gramsci e as composições

Antonio Gramsci idealiza a filosofia da práxis de cunho marxista político e epistemológico, mas que no seu olhar cabia a mesma valorizar o saber oriundo do vulgo, concebendo assim uma filosofia popular que busque interligar o contexto histórico a teoria e a prática, segundo o italiano: “A maior parte dos homens são filósofos na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção de mundo, uma filosofia.” (GRAMSCI, 2011, p. 146)

Cultura para os poetas analisados nesse trabalho é algo que está intimamente ligado à natureza, em relação interdependente, criando assim uma práxis social. Patativa do Assaré interliga esses horizontes da seguinte maneira:

Patativa escreve sobre o que vive, daí mais uma vez essa solda entre natureza e cultura. Essa dicotomia é a algo que deve constar de suas preocupações, porque seu filosofar vai na direção da discussão de uma práxis. Patativa nos propõe uma poesia de construção, lança as bases de questões em que emerge uma ética pessoal, que passa por uma estética e, por isso, ganha uma dimensão mais ampla, de uma fala que é poética e é histórica. (CARVALHO, 2009, p. 138-139)

Patativa foi um poeta que sempre interligou a história a sua práxis social, consciente de tudo aquilo que o cerca, não uma consciência conformada com os acontecimentos, mas uma consciência crítica e revolucionária. De acordo com Carvalho (2009) o aedo cearense sempre teve consciência de sua condição de pássaro, metáfora essa que está associada perenemente com os costumes da ave, a Serra de Santana sendo seu abrigo, e a liberdade sua marca maior, livre de todas as gaiolas e sempre a cantar sua expressividade social.

Impossível negar a Patativa sua consciência de seu papel de poeta ou sua condição de clássico. O seu processo criativo mereceria uma reflexão mais detida, pelas especificidades de que se reveste, com especial atenção para a memória. (CARVALHO, 2009, p. 139)

De acordo com Albuquerque Júnior (2011) a arte exerce grande influência na participação da construção de uma consciência universal que almeja a transformação do homem, a arte tem que não só representar o real, como também explicá-lo desvendando o processo social que a determina. Patativa e Leonardo, poetas que não estão cindidos da sua condição social e tem total consciência do seu papel junto à sociedade, desempenhando suas funções e através da arte manifestando seus respectivos votos de justiça e liberdade, que estão alinhados com a terra e com a dignidade, esboçando assim uma manifestação cidadã, uma consciência de ser sujeito de ações que visem mudanças e não figurem como meros criadores de elementos estéticos. Para Gramsci:

[...] é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...] ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade? (GRAMSCI, 2011, p. 128)

Patativa e Leonardo elaboram sua própria concepção de mundo, participam efetivamente da história, mostrando assim personalidade e caráter com sua gente, não deixando seus ideais tolhidos pelas grandes massas, enfrentando os descasos sociais e procurando soluções para a transformação da sociedade, a arte para os aedos sempre foi uma ferramenta educacional que prioriza a conscientização dos sujeitos.

O preconceito e a marginalização dos tidos como grandes nomes da literatura sempre voltaram seus olhares minuciosos e críticos com a poesia dos denominados pequenos autores. Com Patativa não foi diferente. Mesmo depois de firmar parcerias importantes com grandes nomes da música brasileira, a exemplo de Gilberto Gil (1942-), Raimundo Fagner (1949-), Luiz Gonzaga (1912-1989) e tantos outros, tendo todo respaldo de artistas da música popular, não foram suficientes para ingressar no cânon da literatura cearense. Conforme Carvalho:

Paradoxalmente, continuou a ser rejeitado pela história oficial da literatura cearense, que ainda faz questão de excluí-lo de seu cânon, e pelas instituições literárias que não o acolheram em seus quadros (ainda que ele não fizesse questão de participar de grêmios ou academias). Até sua condição de poeta chegou a ser questionada, muitas vezes como forma de desqualificá-lo. (CARVALHO, 2009, p. 36)

É justamente o que Patativa faz, produz individualmente, mas em prol de um bem coletivo, a emancipação através da conscientização popular, no poema “Cante lá que eu canto cá” o aedo da Serra de Santana, distingue o poeta do sertão do poeta da cidade, e afirma que ao primeiro cabe a vida penosa e dura, e por ter essa vivência, tem a conscientização de descrever o sertão que é seu. Patativa neste mesmo poema ainda realça a esperança na proteção divina que o roceiro sempre carrega em seu íntimo.

Poeta, cantô de rua
 Que na cidade nasceu
 Cante a cidade que é sua
 Que eu canto o sertão que é meu
 Se aí você teve estudo
 Aqui, Deus me ensinou tudo
 Sem de livro precisá
 Por favô, não mêxa aqui
 Que eu também não mexo aí
 Cante lá, que eu canto cá
 [...]
 Sua vida é divirtida
 E a minha é grande pená
 Só numa parte de vida
 Nós dois samo bem iguá
 É no dereito sagrado
 Por Jesus abençoado
 Pra consolá nosso pranto
 Conheço e não me confundo
 Da coisa mió do mundo
 Nós goza do mesmo tanto
 [...]
 Aqui findo esta verdade
 Toda cheia de razão
 Fique na sua cidade
 Que eu fico no meu sertão
 Já lhe mostrei um ispeio
 Já lhe dei grande conseio
 Que você deve tomá
 Por favô, não mexa aqui
 Que eu também não mêxo aí
 Cante lá que eu canto cá. (ASSARÉ, 1978, p. 25 e 29)

No poema “O Agregado e o Operário”, ressalta-se a exploração patronal, de quem não tem terra casa e pão, sempre dependente das desditas do patrão, cada qual em seu contexto o agregado no campo e o operário na cidade. A união de ambas as classes possibilitara a emancipação das massas populares, sempre em busca da implantação dos direitos humanos e de uma maior equidade cidadã, para Silva Neto (2018, p. 149): “Uma vez que a filosofia da práxis se popularizar, os grupos economicamente desfavorecidos deixarão a condição de serem marionetes sujeita à ação das forças naturais ou políticas, e passarão a ser

protagonistas”. Enquanto esse processo não acontece, o camponês estará sempre na condição do agregado e o pracião na condição de operário.

Sou matuto do Nordeste
Criado dentro da mata
Caboclo cabra da peste
Poeta cabeça chata
Por ser poeta roceiro
Eu sempre fui companheiro
Da dor, da mágoa e do pranto
Por isto, por minha vez
Vou falar para vocês
O que é que eu sou e o que canto.

Sou poeta agricultor
Do interior do Ceará
A desdita, o pranto e a dor
Canto aqui e canto acolá
Sou amigo do operário
Que ganha um pobre salário
E do mendigo indigente
E canto com emoção
O meu querido sertão
E a vida de sua gente.

Procurando resolver
Um espinhoso problema
Eu procure defender
No meu modesto poema
Que a santa verdade encerra
Os camponeses sem terra
Que o céu deste Brasil cobre
E as famílias da cidade
Que sofrem necessidade
Morando no bairro pobre.

Vão no mesmo itinerário
Sofrendo a mesma opressão
Nas cidades, o operário
E o camponês no sertão
Embora um do outro ausente
O que um sente o outro sente
Se queimam na mesma brasa
E vivem na mesma Guerra
Os agregados sem terra
E os operários sem casa.

Operário da cidade
Se você sofre bastante
A mesma necessidade
Sofre o seu irmão distante
Levando vida grosseira
Sem direito de carteira
Seu fracasso continua
É grande martírio aquele
A sua sorte é a dele
E a sorte dele é a sua.

Disto eu já vivo ciente
 Se na cidade o operário
 Trabalha constantemente
 Por um pequeno salário
 Lá nos campos o agregado
 Se encontra subordinado
 Sob o jugo do patrão
 Padecendo vida amarga
 Tal qual burro de carga
 Debaixo da sujeição.

Camponeses meus irmãos
 E operários da cidade
 É preciso dar as mãos
 Cheios de fraternidade
 Em favor de cada um
 Formar um corpo comum
 Praciano e camponês
 Pois só com esta aliança
 A estrela da bonança
 Brilhará para vocês.

Uns com os outros se entendendo
 Esclarecendo as razões
 E todos juntos fazendo
 Suas reivindicações
 Por uma democracia
 De direito e garantia
 Lutando de mais a mais
 São estes os belos planos
 Pois nos direitos humanos
 Nós todos somos iguais. (CARVALHO, 2020, p. 183-184)

O Pernambucano Leonardo, à quem queremos dar ênfase à sua práxis social, como já bem ressaltamos, sua intensidade política é menor que a do Patativa, todavia, não diminui o seu valor perante essa pesquisa, pois temos que levar em conta o contexto histórico de cada poeta, as influências que os mesmos tiveram e representam para a sociedade. Bastião atribui que foi um sujeito sem sorte, tendo consciência de sua condição social: “Tô com as mão alejada/ E os pés tem calo profundo/ A sorte perto de mim/ Não ficou nem um segundo/ E já que eu nasci sem ter sorte/ Vou esperar pela morte/ Sendo um escravo do mundo” (BASTIÃO, 2018, p. 81). O Itapetinese na sextilha que antecede demonstra conformidade com o cenário que o cerca, julgando que falta de sorte foi a culpada por sua casta social.

Leonardo vive o desvelamento da consciência, acordando para uma nova realidade social e percebendo as injustiças ao seu redor, no entanto agradecendo as mudanças já conquistadas, que foram fruto de muita militância política, o poeta sabe disso: “Eu tô com setenta ano/ Mas inda tô consciente, / Dando fé que o Brasil/ Ta ficando diferente/ E que os governantes dagora/ Tão se lembrando da gente.” (BASTIÃO, 2018, p. 30)

Patativa e Leonardo, poetas fora de sério, qualquer tentativa de interpretação é ínfima diante da grandeza dos trovadores, suas genialidades nos desautorizam, todavia, buscamos sintetizar sumariamente a filosofia da práxis ao contexto dos trovadores, ambos atuaram engajados na defesa de seus ideais, buscaremos no próximo tópico elucidar a arte literária junto a poética dos bardos e assegurar que suas produções levam ao engajamento social.

4.3 Arte literária de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião levam ao engajamento social?

O processo de canonização literária sempre considera fatores que dão impressão de um percurso linear evolutivo, omitindo e colocando de lado as minorias, os que falam a voz do povo, e contestam os ataques a sua gente. Os peritos que uma vez classificam confortavelmente em proporções geográficas bem determinadas, no século XIX e XX conforme elucidada Carvalho (2009) uma gama de preconceitos que privilegiam um cânone, permitindo assim marginalizar a demonstração literária artística da oralidade atual, confinando o seu estudo numa disciplina que se denomina folclore, que é colocado de lado nos debates vigentes das ciências humanas. Patativa em seu poema “O Que é Folclore” elucidada as peculiaridades da temática, vejamos:

De conservar o folclore
 Todos têm obrigação,
 Para que nunca descore
 A popular tradição
 Os homens de grande estudo
 Como Mainá e Cascudo
 Guardam sempre nos arquivos
 Populares tradições,
 Cantigas, superstições
 E costumes primitivos.

Você, caboclo, que cresce,
 Sem instrução nem saber,
 Escuta, mas não conhece
 Folclore o que quer dizer;
 O folclore é um pilão,
 É um bodoque, um pião,
 Garanto que também é
 Uma grosseira cangalha
 Aparelhada de palha
 De palmeira ou catolé.

Posso lhe afirmar também
 Folclore é superstição
 O medo que você tem
 Do canto do corujão.

Folclore é aquele instrumento
 Para o seu divertimento
 Que chamamos birimbau,
 E também a brincadeira
 Ritmada e prazenteira
 Chamada Maneiro-pau.

Folclore, meu camarada,
 Ouvimos a toda hora,
 É estória de alma penada
 De lubisome e caipora.
 Preste atenção e decore,
 Pois, com certeza, folclore
 Ainda posso dizer
 Que é aquele búzio de osso
 Que você põe no pescoço
 Do filho pra não morrer.

É o aboio magoado
 Do vaqueiro na amplidão,
 É o festejo animado
 Da debulha de feijão,
 Carro de boi e gaiola
 E desafio, à viola,
 Do cantador popular.
 E também a toadinha
 Da Ciranda-cirandinha
 Vamos todos cirandar.

Eu e você que vivemos
 No nosso pobre sertão
 Muitas coisas inda temos
 Da popular tradição;
 Além de outras, o girau
 E a carrocinha de pau
 Em vez de bonito carro.
 Que prazer, satisfação,
 A gente comer pirão
 Mexido em prato de barro!

E agora, prezado irmão,
 Estes versos lhe dedico,
 Lhe dei alguma noção
 Do nosso folclore rico.
 Não posso continuar,
 Pois nada pude estudar,
 De dentro do tema saio.
 O resto lhe dirá tudo
 Romão Filgueira Sampaio,
 Mainá e Câmara Cascudo. (CARVALHO, 2020, p. 124-125)

Leonardo Bastião também é vítima dessa marginalização, pois sua literatura não é menor por pertencer a um idioma menor, mas sim pelo poeta ser uma minoria que concebe sua produção em uma língua maior, aqui está à questão central. Mas, Leonardo tem consciência do local que seu verso é enunciado, sabendo assim sua importância como poeta.

No entanto, Bastião permanece uma esfinge à ser decifrada, aparentemente de conversa fácil, no entanto, essa sua simplicidade máscara a missão que é compreendê-lo por inteiro.

Se eu tivesse estudado igual a tu
 Eu sabia fazer canção e musga
 Misturava o sertão com as inrusga
 Que tirasse das costas dum tatu
 Não zombava da cor do urubu
 Nem eu vendo um pavão perto de mim
 Que eu já sei que foi Deus que fez assim
 Nem o povo ficou do mesmo jeito
 E se um dia acabasse o preconceito
 Aumentava a cultura em Itapetim. (BASTIÃO, 2018, p. 13)

A produção poética de ambos os trovadores leva ao engajamento social, estimula a participação popular junto ao meio político, fazendo assim uma sociedade operante e com acessos aos aparelhos ideológicos que movimentam o labor social. No poema “A Política”, Patativa ressalta o cenário eleitoral pitoresco dos interiores, com todo sarcasmo e ironia que são características próprias do escritor, poema esse que se bem analisado transmite importante mensagem social: a de que o eleitor se valorize e tenha consciência de sua importância, e também transmite uma missiva aos políticos, para que os mesmos enxerguem o lado humano de seus eleitores e não os vejam apenas como produto e quantitativo eleitoral. A passagem poética a seguir mostra tudo aquilo que deve ser evitado em um processo de campanha eleitoral:

Fornecendo várias listas
 Aos ingênuos eleitores
 Aí vem os sedutores
 Fazendo suas conquistas
 São eles propagandistas
 Da política fatal,
 Um abraço em cada qual
 Oferecem sorridentes
 São eles fortes agentes
 Da campanha eleitoral
 [...]
 Quando algum politiqueiro
 Nos aponta um candidato
 Diz que o mesmo é muito exato
 É fiel e justiceiro,
 Criterioso e de bem
 Mas quando a vitória vem,
 E este recebe o poder,
 Nunca sabe agradecer
 O valor que o voto tem.
 [...]
 Como o Brasil primitivo,
 Eu vejo o Brasil presente
 O camponês indigente

Do burguês sempre cativo.
 Não existe lenitivo
 Para o pobre que trabalha,
 E com a politicalha,
 Filha da trama e do ardil
 O nosso caro Brasil
 Ainda mais se escangalha. (ASSARÉ, 2003, p. 234-235)

Leonardo também expressa em sua poética o sentimento de engajamento social, como já bem enfatizamos em capítulos anteriores. O poeta pernambucano lamenta não ter tido a oportunidade de estudar, mas ressalta eloquentemente que o engajamento social, a participação política e ascendência moral se dá por intermédio do universo das letras, “sou matuto e não tem nada/ Que meu emprego é na roça/ Se olho o pé ta rachado/ Se eu olho a mão vejo grossa/ Enquanto os outro estudava/ Eu empurrava a carroça” (BASTIÃO, 2018, p. 12). A realidade que Leonardo enfrentou foi cruel, porém no seu contexto histórico era tida como normal os menos favorecidos serem a escória da sociedade.

Patativa do Assaré ressalta que não pode haver a construção da figura do poeta, poeta já nasce feito: “Não! Poeta num pode se fazer. Ele poderá se fazer, fazendo uma poesia muito sem graça, uma composição toda mecânica, viu? [...] Pode até ter medida, pode ter ponto, tudo, mas não tem beleza.” (CARVALHO, 2009, p. 77). E aí que se coloca a questão do dom, a poesia como atributo divino concedida ao artista.

Patativa e Bastião são advindos de contextos sociais de extrema pobreza, brotaram como artistas e sempre se manterão ligados com suas raízes culturais, moldando os parâmetros da arte e os readaptando a seu benefício, descrevendo o cotidiano, suscitando melhorias para a sua gente, sempre ao lado do povo, afinal poetas populares são acessíveis a quem os solicita, sempre atendem os pedidos dos seus admiradores.

Patativa é feliz na afirmação de que “poeta já nasce feito”. Segundo o trovador cearense por mais que se estude a poética, por mais que se aperfeiçoe nos mais manuais de versificação, a questão do dom influi muito no aperfeiçoamento poético. Patativa segundo os ideais de Gramsci foi um artista concebido nas entranhas sociais, não engendrado pelo sistema, tanto ele como Leonardo Bastião nasceram do movimento social e trilharam as veredas da luta camponesa. Conforme Ferreira (2018, p. 31):

O sertão habita minha existência. Sua expressão imprevisível de renovação move os sentidos e amplia minha maneira de ser. Sua profundidade e seu silêncio mostram-se de forma primordial, levando-me a reflexões de que ele está presente, no entorno, mas sempre me escapa, antes que eu possa ter uma ideia formada sobre seu sentido.

O cenário sertanejo é complexo e misterioso, o poeta tem como missão decifrar os segredos que ele porta, e através de sua poética revelar ao mundo a mística que envolve o sertão. Sertão que constituiu a existência de Patativa e Leonardo. Há uma cisão do universo sertanejo com a poética dos trovadores, eles desbravam o ambiente sertanejo com sabedoria nata, e filtram apenas o essencial para enquadrarem em seus poemas, isso é de uma sensibilidade tamanha.

Leonardo enfatiza sua identificação com suas origens, sua produção é clara voltada para o sertão que lhe rodeia, seu engajamento com a arte é desinteressado, ele não busca revelar sua poesia como uma mera demonstração estética, uma ética social é perceptível na poética do trovador Itapetinense: “Nasci no sítio Goiana/ E me criei por ali/ Mesmo sem arranjar nada/ Nunca pensei em sair/ Tô véi esperando a morte/ No mesmo lugar que a sorte/ Corta camin pra não ir” (BASTIÃO, 2018, p. 60).

Ficou evidente que a arte literária que envolvem os poetas populares sugere um engajamento social e estão intimamente ligadas com o pertencimento de classe, atuam em defesa dos oprimidos e levam a mensagem de conscientização social às camadas sociais mais atingidas pelos desmandos governamentais. A arte para Patativa e Leonardo é sinônimo de educação, e ambos os rapsodos instrumentalizam suas verves artísticas no âmbito educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia da arte na concepção gramsciana não tem autonomia absoluta. Como bem observamos a arte enquanto instrumento de criação está intimamente ligada as estruturas sociais e do Estado em geral. Entretanto, acreditasse que a arte literária nesse contexto pode vir a ser ferramenta de conscientização social.

Em Patativa do Assaré e Leonardo Bastião suas poéticas fidelizam-se a conscientização social. Os poemas dos aedos como bem pudemos constatar estão intimamente ligados ao universo sertanejo e as particularidades desse cenário. Conforme Ferreira (2018) o universo sertanejo se entrelaça aos diálogos da existência, são procedimentos sinestésicos do sertanejo na vivência com a natureza do sertão.

Os poetas dessa pesquisa através de muitos dos seus poemas promovem uma educação sensitiva e afetuosa, o que mostra que o “Sertão educa”, conforme demonstra Ferreira (2018). Os poetas percebem o mundo poético em seu entorno e são responsáveis por disseminarem a educação em forma de poesia para os sertanejos e caririzeiros do sertão. A poesia é contida na brandura da rotina do homem sertanejo, no canto dos pássaros, no conhecimento empírico do agricultor que cultiva sua terra, que planta seu milho, que ara o seu roçado na esperança de lucro para sobreviver durante as estações de seca. As condições sociais das quais os poetas são oriundos é a chave para o engajamento comunitário.

É notório que a arte literária associada à poética dos trovadores são um elemento educativo, uma vez que o sertão que habita em minha existência pode ser transformado em poesia, e através desta ferramenta educo os que ouvem minha poética. Conforme enaltece Ferreira (2018, p. 23) “No sertão não constituído e indeterminado, dei os primeiros passos da minha vida sertaneja, comendo frutas, caçando passarinhos e outros animais, pescando e tomando banhos no rio Pajeú, desvirginando os movimentos lúdicos da infância [...]”. De acordo com essa passagem, é notório que o sertão pernambucano e, da mesma forma, o cariri cearense educam quem habita aquela região.

Segundo Bastião (2018, p. 32) “Faz dois ano que eu não vejo/ O cumarú criar baje/ Piaba na correnteza/ O carão cantar na vage/ E agora completa os três/ Senão incher a barrage”. É fascinante essa sextilha elaborada por Leonardo Bastião que apesar de analfabeto foi educado pela vida e pela natureza que está em seu entorno, ou seja, sua condição social está urdida ao conteúdo de suas poesias.

Conforme Ferreira (2018, p. 61) “[...] O sertanejo é a expressão da educação do seu lugar; o sentimento de respeito e amor a terra; a aprendizagem que recebe dos outros animais dos vegetais e da própria natureza como um todo [...]”. O contato com a vivência rústica do ambiente sertanejo provoca uma espécie de simbiose, na interação do homem do campo com sua fauna e flora, o campesino e o meio pastoril, tornam-se um só constituindo uma relação de interdependência e cooperação sustentável. Certa feita, o poeta Leonardo Bastião estava no seu rancho localizado no sitio Goiana e percebeu ali perto uma cena peculiar, um beija-flor fazendo seu ninho em um pé de urtiga, aquela cena sensibilizou o poeta que buscou palavras para expressar seu sentimento:

O beija-flor no verão
 Quer beijar a flor e não acha
 Faz nin em urtiga baixa
 Um metro acima do chão
 Só faz o nin de algodão
 Porque o frio não castiga
 E é bom que o poeta diga
 Que beija-flor tem segredo
 E sabe que a cobra tem medo
 De subir em pé de urtiga. (BASTIÃO, 2018, p. 78)

Em outra oportunidade Leonardo sensibilizasse com o Juazeiro, árvore nativa do semiárido-nordestino da qual brota o juá, fruto parecido com a cereja só que com coloração amarelada. Bastião descreve a rusticidade dessa árvore e elucida sua serventia na natureza, a percepção do poeta está além dos horizontes de beócios desavisados, para sentir a expressão poética e interpretá-la carece que o leitor abra os horizontes de sua percepção. Vejamos a sextilha:

Juazeiro é uma planta
 Que resiste a terra enxuta
 A fruta não vale nada
 A madeira é torta e bruta
 Mas, a bondade da sombra
 Tira a ruindade da fruta. (LIMA, 2018, p. 159)

Patativa do Assaré também produz aquilo que sente e vive, sua produção poética é advinda do seu contexto social. Enaltecendo Ferreira (2018) nas veredas da poesia do sertão o ser humano se educa, a poesia concebida pelos trovadores diz muito do lugar de suas origens, isso sensibiliza e refina os sentidos possibilitando uma percepção atinada de si e do mundo

que os permeia. O poeta de Assaré esboça bem seu sentimento de pertencimento no poema “Eu e o Sertão”. Vejamos as seguintes estrofes:

Tu veve munto esquecido
 Dos meio da inducação
 Sempre, sempre tem vivido,
 Sem escola e sem lição
 Teu mundo é bem pequenin
 Por isso do teu destino
 Da tua simplicidade
 Nasce a fé e a esperança
 Incerra munta verdade.
 [...]
 E mesmo depois de morto,
 Mesmo depois de morre,
 Ainda gozo conforto,
 Ainda gozo prazê
 Pois, se é verdade que as arma,
 Mesmo as que vivero carma
 E arcançaro a sarvação
 Fica vagando no espaço
 Os meus caracó eu faço
 Pro riba do meu sertão. (ASSARÉ, 1978, p. 22-25)

A partir das poesias analisadas de Patativa do Assaré e de Leonardo Bastião, ficou-se evidente o caráter pedagógico e social de suas construções, suas poéticas elevam o camponês ao horizonte da conscientização. Nessa poesia, a participação política, a proximidade com a sociedade e a preocupação ambiental formam um leque pedagógico que instrui o sertanejo.

Se a poética de Patativa do Assaré e Leonardo Bastião à luz da filosofia de Gramsci não forem suficientes aos olhares de determinados leitores, mas que sirva de inspiração para o determinismo educacional de quem busca por referências pedagógicas populares, que o filosofar gramsciano e a poética dos trovadores conscientize e combata o preconceito velado à cultura popular e apresente novos horizontes educacionais. A coesão entre a condição social de Patativa e Leonardo e o vínculo eminente pedagógico de suas poéticas marcam decisivamente o que entendemos por educação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que canto cá**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.
- BASTIÃO, Leonardo. **Minha Herança de Matuto**. Itapetim: Halley S.A. gráfica e Editora, 2018.
- CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni editora, 2009.
- CARVALHO, Gilmar de. **O melhor do Patativa do Assaré**. Fortaleza: Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2020.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- FERREIRA, Gilmar Leite. **O Sertão Educa**. Curitiba: Appris, 2018.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v.2.
- GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Organização e introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LIMA, Antônio José de. **Legado Filosófico de Poetas e Repentistas Semianalfabetos**. Recife: Bagaço, 2018.
- NOGUEIRA, R.C. **A poética social de Patativa do Assaré**. 2017. 164f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v.2.
- SILVA NETO, Otacílio Gomes da. **As filosofias e a filosofia da práxis em Gramsci: Conhecimento em ação. Políticas públicas na educação brasileira: enfoques e agendas**. Atena Editora (Org.) Ponta Grossa: Atena Editora, 2018.